

Leila Ramos Matajs
(organizadora)

Motirô da Jataí

São Paulo
Instituto Pedro Matajs
2012



Copyright © 2012 by Instituto Pedro Matajs

É proibida a reprodução total ou parcial
desta obra por quaisquer meios sem a
autorização expressa, prévia e por
escrito do Instituto Pedro Matajs.

Este livro segue as regras da Nova
Ortografia da Língua Portuguesa.

Edição do texto

Liliane Ramos Matajs

Leila Ramos Matajs

Bruno Cutinhola Cavalcante

Roberto Ramos Matajs

Revisão

Alexandra Fonseca

Capa

Magda Ramos Matajs

Projeto gráfico

Fernanda Matajs

Fotos

acervo do Projeto Motirô da Jataí

Instituto Pedro Matajs

Rua Amaro Josefa, 405 - Embuá

Cep: 04893-060 - São Paulo - SP - Brasil

Telefones: 55 (11) 5975-4392

Cel.: (11) 99681-9419

www.institutopedromatajs.org.br

ipm@institutopedromatajs.org.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Motirô da Jataí / (organizadora) Leila Ramos Matajs. -- 1. ed. -- São
Paulo : Instituto Pedro Matajs, 2012.

Bibliografia.

ISBN 978-85-66305-00-5

1. Abelhas sem ferrão – Criação 2. Agricultura familiar 3. Biodiversidade
– Conservação 4. Comunidade rural 5. Desenvolvimento sustentável
6. Ecologia agrícola 7. Educação ambiental 8. Meliponicultura
9. Projeto Motirô da Jataí 1. Matajs, Leila Ramos.

12-13988

CDD-638.12

Índices para catálogo sistemático:

1. Projeto Motirô da Jataí : Capacitação de agricultores familiares : Criação
e manejo de abelhas sem ferrão : Desenvolvimento rural sustentável :
Agroecologia : 638.12

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1: História do Projeto	7
1.1. Do abstrato para o concreto	7
1.2. Modelando com várias mãos	8
1.3. Aguardando a aprovação	9
1.4. Partindo para a ação	9
CAPÍTULO 2: O Projeto Motirô da Jataí – Metas e atividades	10
2.1. Meta 1: Elaboração de material didático	11
2.2. Meta 2: Capacitação teórica	12
2.3. Meta 3: Capacitação Prática	19
2.4. Meta 4: Implantação	27
2.5. Meta 5: Processo produtivo	27
2.6. Meta 6: Visitas externas	31
2.7. Meta 7: Oficinas internas e externas	31
2.8. Meta 8: Divulgação	47
CAPÍTULO 3: O Dia a Dia em Campo	49
3.1. A abordagem	49
3.2. A execução	50
3.3. Os resultados	52
CAPÍTULO 4: De Multiplicadores a Educadores Comunitários Agroecológicos	60
4.1. Paulo Eduardo da Silva	60
4.2. Celina Maria dos Santos Fontan	64
4.3. Edmundo dos Santos	66
4.4. Jailton Nascimento Lima	68
4.5. José Benedito Sponchiado	70
4.6. Mara Adriana Coradello	72
4.7. Massue Mizoguti Shirazawa	74
4.8. Teodora Helfstein Fidencio	76

APRESENTAÇÃO

PROJETO MOTIRÔ DA JATAÍ

O Projeto Motirô da Jataí teve por objetivo sensibilizar e desenvolver conhecimentos para a formação de agentes multiplicadores e zeladores da biodiversidade – que, no decorrer do projeto, foram intitulados “Educadores Comunitários Agroecológicos” – através da capacitação de agricultores familiares e de grupos de pessoas associadas das APAs Municipais Capivari-Monos, Bororé-Colônia e entorno, nas atividades de meliponicultura (criação e manejo de abelhas sem ferrão), práticas agroecológicas e elaboração de oficinas, com a finalidade de proteger, intensificar, incrementar e assim valorizar a biodiversidade local.

COMO FOI DESENVOLVIDO

Foi ministrado um curso teórico e prático sobre meliponicultura, formação em agroecologia e orientação pedagógica através da elaboração de dinâmicas de sensibilização e de oficinas externas. E a partir desses conhecimentos, os participantes executaram na prática um trabalho na comunidade e em suas propriedades assistidos pela coordenação e equipe técnica do projeto. Suas propriedades tornaram-se “propriedades modelo” para oficinas de sensibilização realizadas nas comunidades locais das APAs e entorno, incluindo a preparação de um pasto apícola, compostagem e minhocário, objetivando eliminar o uso de agrotóxicos e despertando a necessidade da preservação de abelhas nativas pela sua vital importância como agentes polinizadores para a biodiversidade e a produção de alimentos saudáveis para os seres humanos.



INSTITUTO PEDRO MATAJS

O Instituto Pedro Matajs é uma ONG sem fins lucrativos fundada em 20 de junho de 2004, com sede no Bairro do Embura, no entorno da APA Capivari-Monos. Elabora e executa projetos voltados para a sustentabilidade, buscando o equilíbrio baseado na interdependência dos seres vivos, utilizando para tanto técnicas e metodologias transformadoras aplicadas de forma participativa com agricultores familiares, moradores e sitiantes da região de Parelheiros, estimulando-os às novas práticas para que reforcem sua autonomia e legitimidade. O Instituto é membro do Conselho Gestor da APA Capivari-Monos.

ONDE ESTAMOS

APAs Municipais Capivari-Monos e Bororé-Colônia

Área de Proteção Ambiental é uma Unidade de Conservação (UC) de Uso Sustentável, na qual não ocorrem desapropriações e cujo objetivo é proteger os recursos naturais e o patrimônio histórico, cultural e científico, além da melhoria da qualidade de vida da comunidade.

A APA Capivari-Monos foi criada em 2001 pela Lei Municipal n. 13.136, com uma área de 251 km², e a APA Bororé-Colônia em 2006 pela Lei Municipal n. 14.162, com uma área de 90 km². Ambas estão situadas na zona sul da cidade de São Paulo e em Área de Proteção aos Mananciais.

FEMA

Fundo Especial de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável – FEMA, da Secretaria do Verde e Meio Ambiente/Prefeitura do Município de São Paulo, destina-se a custear projetos que visem o uso sustentável dos recursos naturais, manutenção, melhoria e/ou recuperação da qualidade ambiental, pesquisa e atividades ambientais de controle, fiscalização e defesa do meio ambiente.

EQUIPE TÉCNICA

Leila Ramos Matajs	<i>coordenadora executiva</i>
Liliane Ramos Matajs	<i>coordenadora pedagógica</i>
Bruno Cutinhola Cavalcante	<i>responsável técnico e capacitador em agroecologia</i>
Paulo Roberto Santana Coutinho	<i>capacitador de aulas teóricas em meliponicultura</i>
Ana Zilda Rodrigues Coutinho	<i>técnica de campo em meliponicultura</i>
Roberto Ramos Matajs	<i>elaboração das oficinas e dinâmicas de sensibilização</i>

AGRADECIMENTOS

Paulo Roberto Santana Coutinho,
do Sítio Floradas da Serra, por seu trabalho voluntário.

Arlindo Helfstein Fidencio,
do Sítio Dourado, por ceder espaço na propriedade
para a implantação do pasto apícola didático.

Angelina Ap. Helfstein Fidencio,
por ministrar, de forma voluntária, a aula prática para a
capacitação do adubo preparado com a técnica de minhocário,
o húmus de minhoca para os educadores.

Instituto Giramundo/Mutuando,
pela doação dos Cadernos Agroecológicos.

CAPÍTULO 1

HISTÓRIA DO PROJETO



A proposta do projeto foi elaborada por muitas mãos e mentes, mas visando ao mesmo objetivo: a valorização do ser humano conciliada com a conservação da biodiversidade local (Mata Atlântica).

1.1. Do abstrato ao concreto

A oportunidade de apresentar uma proposta para o Projeto Motirô da Jataí surgiu através da publicação do edital do Fundo Especial do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável – FEMA 06/2008, da Secretaria do Verde e Meio Ambiente, da Prefeitura do Município de São Paulo.

A ideia era inicialmente trabalhar com o Grupo Cultivar, formado por agricultores familiares, moradores das regiões das APAs Municipais Capivari-Monos e Bororé Colônia, que estava em fase de encerramento do projeto “Mãosementes Conectadas: Tecendo a Rede Colaborativa Agroecológica de Parelheiros”, conduzido pela Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da USP – ITCP/USP e já com conhecimento e adoção de práticas agroecológicas em suas propriedades.

A primeira reunião do Instituto Pedro Matajs com o Grupo Cultivar ocorreu em fevereiro de 2009, na propriedade de Celina Fontan. Estavam presentes os integrantes do Grupo Cultivar, os formadores da ITCP/USP, a professora Valeria de Marcos e Leila Matajs. Nessa reunião foi apresentado e explicado o que era o edital do FEMA e a proposta para escrever um projeto utilizando uma de suas linhas temáticas.

Definimos inicialmente que a linha temática seria o Desenvolvimento Rural Sustentável, e que a atividade seria a capacitação utilizando como ferramenta didática as abelhas nativas sem ferrão para a formação de multiplicadores e zeladores da biodiversidade.

A proposta teve seu esboço inicial seguindo os termos estabelecidos no edital. Foi quando a coordenação de projetos do Instituto Pedro Matajs viu a possibilidade de alterar a linha temática da proposta inicialmente citada, pois as estratégias, as atividades e os resultados esperados se enquadram na linha temática da Biodiversidade. Sendo assim, outra proposta de projeto foi redigida, desta vez, voltada para a linha temática Desenvolvimento Rural Sustentável, com o nome de Flores de Mel.

Na reunião realizada em 18 de março de 2009 com o Grupo Cultivar e os colaboradores na propriedade de Ana Coutinho, o Instituto Pedro Matajs apresentou as duas propostas para avaliação e adesão dos agricultores. Sendo:

- ▶ **Motirô da Jataí:** o grupo seria capacitado para a formação de agentes multiplicadores e zeladores da biodiversidade, que por sua vez se tornariam responsáveis pela multiplicação do aprendizado entre a comunidade e receberiam uma ajuda de custo mensal por doze meses.
- ▶ **Flores de Mel:** o grupo seria capacitado com base na agroecologia para a produção de flores ornamentais e nativas, bem como de técnicas de jardinagem e paisagismo. E teria um pequeno viveiro de bambu instalado na propriedade. Além disso receberia insu- mos e assistência técnica durante todo o projeto.

Foi realizada pela meliponicultora Ana Coutinho uma pequena demonstração de manejo em uma caixa da abelha Jataí, pois alguns membros do grupo tinham receio de ser atacados no manuseio.



Posteriormente, o grupo estudou as duas propostas e a relação dos participantes, com a assinatura da carta de adesão para o Projeto Motirô da Jataí, foi firmada, a fim de que fosse anexada com a proposta final. Estabelecendo-se, assim, a oportunidade para que mais dez novas famílias de agricultores participassem da proposta do projeto Flores de Mel, que foi aprovada pelo FEMA e se iniciou em março de 2011.

1.2. Modelando com várias mãos

A partir desse encontro, foi dada a largada para a redação de fato da proposta final do Projeto Motirô da Jataí para o FEMA. Escrever um projeto parece ser algo simples, pois muitos pensam que basta ter algumas ideias e colocá-las no papel. Não é tão simples assim, pois é necessário que a proposta se enquadre na linha temática definida e que seus redatores conheçam de fato a área de atuação para que possam realizar o diagnóstico e ter dados para uma justificativa clara e consistente. Um projeto deve ter: coerência de objetivos e metas, adequação da metodologia às atividades previstas e estabelecimento de um crono-

grama de execução acordado com o financeiro; definido as estratégias de comunicação, os riscos, a superação, a avaliação, o monitoramento e a forma de mensurar os resultados; bem como envolver os atores sociais para que se apropriem do conjunto de técnicas transformadoras e tenham o pertencimento da região que habitam.

O grupo de trabalho foi formado por Leila Matajs, Liliane Matajs, Roberto Matajs, Ana Zilda Coutinho, Paulo Roberto Coutinho, Ana Paula Romeu, Luciana Martin, Daniel Flores e Valeria de Marcos. As tarefas foram previamente divididas, complementadas e revisadas pelo grupo em várias reuniões e trocas de e-mails, e a proposta foi entregue em maio de 2009.

No início de dezembro de 2009, fomos comunicados pelo FEMA que o projeto precisava de alguns ajustes, para que a Comissão de Avaliação Técnica desse o parecer final. Os ajustes solicitados foram providenciados e entregues em 15 de dezembro do mesmo ano.

1.3. Aguardando a aprovação

O Projeto Motirô da Jataí foi aprovado em reunião do Conselho do Fundo Especial do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável – Confema de 2 de fevereiro de 2010.

A entrega da documentação solicitada pelo FEMA para a celebração do convênio foi feita em 8 de março de 2010. A assinatura do convênio n. 042/SVMA/2010 se deu em novembro de 2010.

A autorização para o início do projeto se deu em 3 de maio de 2011.

O valor total do projeto foi de R\$ 191.484,50, sendo: Valor financiado pelo FEMA: R\$ 172.332,90 e Contrapartida do Instituto Pedro Matajs: R\$ 19.149,60

Duração total: 18 meses.

1.4. Partindo para a ação

Para dar início às atividades do projeto, agendamos com o grupo de participantes que assinou a carta de adesão em 18 de março de 2009 uma reunião para a apresentação do projeto, do cronograma, das atividades e das responsabilidades de cada parte. Surgiu, então, a desistência de alguns participantes devido ao longo período de espera (entre a proposta e o início dos trabalhos passaram-se dois anos) e também porque alguns estavam participando de outros projetos financiados pelo próprio FEMA e decidiram ceder suas vagas para que novos participantes pudessem ser inseridos no projeto. Também nesse período houve alteração na equipe técnica. A inserção de novos participantes foi encerrada em julho de 2011, quando teve início a etapa de capacitação.

CAPÍTULO 2

O PROJETO MOTIRÔ DA JATAÍ

– METAS E ATIVIDADES



Com o grupo formado, hora de começar a capacitação.

METAS	ATIVIDADES
2.1. Elaboração de material didático e vídeo	2.1.1 Conceitos básicos gerais
2.2. Capacitação teórica	2.2.1 Meliponicultura 2.2.2 Agroecologia 2.2.3 Dinâmicas
2.3. Capacitação prática	2.3.1 Meliponicultura 2.3.2 Agroecologia
2.4. Implantação	2.4.1 Visitas técnicas para planejamento
2.5. Processo produtivo	2.5.1 Criação, manejo das abelhas e processamento do mel 2.5.2 Cultivo no pasto apícola
2.6. Visitas externas	2.6.1 Meliponário
2.7. Oficinas	2.7.1 Internas para os educadores 2.7.2 Externas para a comunidade
2.8. Divulgação	2.8.1 Impressos 2.8.2 Banner 2.8.3 Placas de identificação do projeto 2.8.4 Feiras/Eventos

A capacitação teórica foi ministrada nas dependências internas do Instituto Pedro Matajs por meio de vídeos e material didático elaborado pela equipe técnica.

Para a capacitação prática foram implantadas, nas dependências externas do Instituto Pedro Matajs e no parceiro Sítio Dourado, localizado nas proximidades do Instituto, as caixas-isca e 2 caixas com colônias de abelhas nativas, um pasto apícola e a realização de tarefas de campo, de compostagem e minhocário.

A propriedade de cada educador se adequou às necessidades do projeto, as quais foram desenvolvidas também um pasto apícola, compostagem e minhocário com base nas práticas agroecológicas. Foram identificadas em algumas propriedades abelhas nativas que habitavam blocos ou ocos de árvores. As que não corriam perigo de vida, lá permaneceram, respeitando-se o local que escolheram para habitar.

Foram colocadas caixas apropriadas para a inserção de colônias de abelhas Jataí nas propriedades. Todas as propriedades que tinham infraestrutura adequada receberam a colônia de abelhas. Os educadores tinham – e ainda têm – a responsabilidade de cuidar das colônias que receberam e de manter o pasto apícola diversificado em termos de mudas e de espécies, exatamente para que as abelhas tenham um local adequado para retirar seu alimento, e, dessa maneira, colaborar na polinização das diferentes espécies da região.

2.1. Meta 1: Elaboração do material didático

O material didático foi elaborado pela equipe técnica do projeto, passando pela revisão da coordenadora pedagógica Liliane Matajs, e envolveu diferentes dinâmicas e métodos.

2.1.1. O material didático elaborado pela equipe incluiu:

- a) apostila sobre meliponicultura
- b) apostila das oficinas
- c) apostila de dinâmicas
- d) 1 DVD com vídeos educacionais
- e) manual explicativo sobre o projeto, abelhas nativas e práticas agroecológicas para ser distribuído nas oficinas das comunidades
- f) acesso virtual através do Moodle (programa/sala/etc.)

Os materiais e metodologia utilizados tinham por objetivos explicar os conceitos abordados no projeto e preparar o grupo para realizar oficinas nas comunidades. Introduziu-se um conteúdo a mais, agregando valores ao projeto sobre o tema Agroecologia.

Após reuniões da coordenação e equipe técnica, definiu-se a metodologia de trabalho e o uso de material didático para o tema agroecologia, a ser utilizado pelo técnico Bruno Cutinhola Cavalcante.

A proposta metodológica para a execução das atividades de formação nas temáticas agroecologia, desenvolvimento local e geração de renda foi orientada pelo conjunto de materiais didáticos intitulados

“Cadernos Agroecológicos”, produzidos pelo Instituto Giramundo Mutuando/Programa de Extensão Rural Agroecológica – PROGERA, com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPQ e do Ministério do Desenvolvimento Agrário – MDA.

A escolha desses materiais se deveu aos seguintes fatores:

- Apresentam didática qualificada, são ricos em ilustrações e possuem linguagem simples e acessível aos agricultores;
- A diversidade de assuntos abordados atendia aos objetivos do projeto, pois proporcionam noções amplas de agroecologia, o que possibilitou aos participantes dialogar com o conteúdo dos materiais e suas práticas nas propriedades e em suas respectivas comunidades:

Caderno 1: “Agroecologia”

Caderno 2: “Desenvolvimento Rural Sustentável”

Caderno 3: “Agricultura Familiar”

Caderno 4: “Segurança Alimentar e Nutricional”

Caderno 5: “Comercialização na Agricultura Familiar;

- O conteúdo e a abordagem dos temas apresentam uma perspectiva sistêmica, interdisciplinar e transformadora, de acordo com a proposta de trabalho buscada para o projeto.

2.2. Meta 2: Capacitação teórica

A capacitação teórica visou passar conhecimentos técnicos sobre meliponicultura, agroecologia, dinâmicas de sensibilização e elaboração de oficinas. O período de preparação inicialmente foi de seis meses, com diferentes abordagens durante o decorrer do projeto.

2.2.1. Meliponicultura

Quando abordamos o tema meliponicultura no Projeto Motirô da Jataí, é necessário esclarecer que tal tema não foi focado como uma atividade econômica, mas como uma ferramenta didática, visando transmitir conhecimento para os educadores a fim de que estes despertassem para a necessidade de preservar as espécies de abelhas nativas da região das APAs Capivari-Monos e Bororé-Colônia, avaliando, assim, a importância dessas espécies para a polinização da flora nativa e a perpetuação de outras espécies, tanto na lavoura e nos pomares, para a obtenção de um alimento saudável, quanto na manutenção da biodiversidade local.

O material didático para o tema meliponicultura foi adaptado pelo sr. Paulo Roberto Coutinho com base na pesquisa bibliográfica realizada por Paulo Nogueira Neto, e abordou o seguinte conteúdo: Distribuição



Aula teórica sobre o tema meliponicultura.

geográfica (das abelhas nativas); Métodos construtivos e materiais; Arquitetura dos ninhos; Diferença do sexo e das castas; Função da rainha, das operárias e do macho; Infraestrutura, capacidade e atividades básicas; Como escolher a espécie e obter colônias; Equipamentos e construção de abrigos; Caixa racional; Como construir uma colônia; Detalhes da colônia; Cuidados para transferir colônias; Manutenção de colônia; Manejo e inspeção de colônias; Colônia boa é forte; Dividir para multiplicar; Como manejar uma rainha; Mel, pólen e muito mais; Hábitos e costumes; As propriedades do mel; Como conservar o mel; As plantas que fazem mal às abelhas; Fatores fatais para abelhas cria e adultas; A vida na colônia, os inimigos, os vizinhos, os inquilinos e os roubos; Aspectos legais: processamento de produtos; Aspectos comerciais: mel e pólen/plantas aromáticas e medicinais.

2.2.2. Agroecologia

As capacitações teóricas relacionadas ao tema da agroecologia foram desenvolvidas durante toda a execução do Projeto e objetivaram subsidiar os educadores comunitários agroecológicos tanto no manejo de suas propriedades quanto nas atividades educativas realizadas nas comunidades. Essas atividades de formação foram realizadas principalmente na sede do Instituto Pedro Matajs e abordaram os seguintes temas:

- *Introdução à agroecologia:* A agroecologia como ciência e movimento social; Pensamento sistêmico e agroecologia; Equilíbrio ecológico e agroecossistema; O solo é vivo; Indicadores biológicos; Sucessão vegetal e a formação dos solos; Controle biológico.



Aulas teóricas.

- ▶ *Metodologias participativas de Assistência Técnica e Extensão Rural – ATER*: Diagnóstico rural participativo; Análise de agroecossistemas; Planejamento por zonas; Transição agroecológica.
- ▶ *Práticas agroecológicas*: Preparo do solo; Adubação verde; Compostagem; Minhocultura; Cobertura do solo; Sistemas agroflorestais; Quebra-ventos; Policultura.
- ▶ Desenvolvimento rural sustentável.
- ▶ Sustentabilidade socioambiental.
- ▶ Educação socioambiental.
- ▶ *Políticas públicas*: Política Nacional da ATER – PNATER; Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – PRONAF; Programa de Aquisição de Alimentos – PAA; Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE.
- ▶ *Agricultura Familiar*: Estrutura fundiária no Brasil; Modernização tecnológica e agricultura familiar; Estratégias de permanência da agricultura familiar; Diversidade, eficiência e a construção do futuro.
- ▶ *Segurança alimentar e nutricional*: A política nacional da ATER e a Segurança alimentar e nutricional no Brasil; Insegurança alimentar, fome, desnutrição e pobreza; Soberania alimentar.
- ▶ *Comercialização na agricultura familiar*: Comercialização e produção agrícola brasileira; Oferta e demanda da produção agrícola brasileira; Mudanças no comportamento do consumidor; Produção e mercado.

Os educadores se demonstraram bastante envolvidos, participativos, com uma visão crítica e diversificada sobre os temas. Diversas dúvidas sobre os conteúdos dos cadernos puderam ser trabalhadas nos encontros realizados, o que proporcionou maior aprofundamento dos participantes nas temáticas em questão.

As relações com as atividades do projeto foram muito ricas e certamente aprimoraram o desenvolvimento das atividades dos participantes enquanto educadores comunitários agroecológicos, no trabalho com a comunidade.

2.2.3. Dinâmicas

O estudo e a prática do processo de facilitação de grupos têm por objetivo capacitar os participantes para os trabalhos desenvolvidos por eles em suas respectivas comunidades. Assim, foram trabalhados diversos aspectos necessários a essa atividade pedagógica a partir de um enfoque participativo e com a utilização de técnicas de dinâmica de grupo, de visualização e de observação de campo.

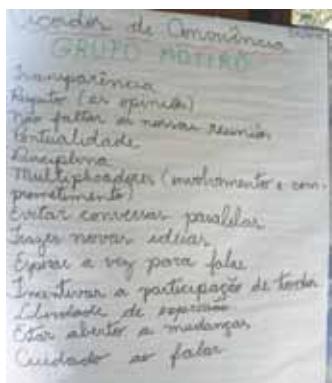
Visou-se também, através do trabalho com dinâmicas, fazer com que o grupo se sentisse integrado não só aos membros da equipe, mas consigo e com a natureza, pois durante todos esses meses de projeto constatou-se, pela equipe técnica e pela coordenação, que se o educador não se sentir verdadeiramente tocado, sensibilizado, pouco será seu envolvimento, não só na preservação do meio ambiente, mas também da vida como um todo. E foi através de diferentes dinâmicas que o objetivo foi atingido: tocar o coração de cada educador e fazê-lo repassar essa sensibilização adiante.

Dessa forma, foram aplicadas dinâmicas utilizando-se diferentes instrumentos: música, objetos diversos (chapéu, espelho, bexiga, barbante), desenhos, poesias, o próprio corpo. Dinâmicas que despertavam a alegria, o pensar, o refletir, o sonhar, o buscar, o realizar; que tocavam e despertavam para o hoje, o agora, o fazer e o acontecer, levando o grupo para a ação. E muitas das dinâmicas realizadas internamente durante as aulas foram utilizadas nas oficinas das comunidades pelos educadores.

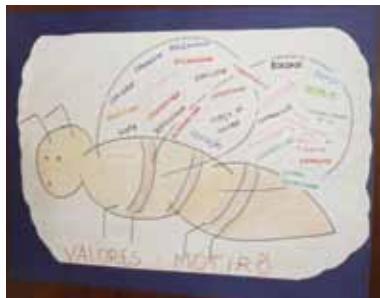
a) *Apostila de dinâmicas.* O grupo recebeu como material de apoio uma apostila contendo diversas sugestões de dinâmicas para utilizar em suas oficinas. As primeiras atividades realizadas foram:

- ▶ *Acordo de grupo:* foram definidos acordos de convivência entre os membros do grupo para utilizarem durante o projeto.
- ▶ *Valores do grupo Motirô da Jataí:* foi feito um trabalho em que cada educador expressava verbalmente seus valores e crenças e, a partir daí, elaborou-se a relação dos “Valores do Grupo Motirô da Jataí”.
- ▶ *Relaxamento corporal:* visando preparar o grupo para as atividades do dia, sintonizando todos os membros em uma mesma energia.
- ▶ *Fábula da coletividade:* teve a finalidade de valorizar os pequenos detalhes do dia a dia para um trabalho coletivo, ressaltando que um ato individual, egoísta e negligente pode prejudicar a todos. Mostra também a necessidade de trabalhar a arrogância.
- ▶ *Atividade com bexigas:* mostrar quão importante é cuidar da sua unidade; e quando outro participante estiver com um problema

MOTIRÔ DA JATAÍ



Acordo de grupo.



Valores do grupo.



qualquer que o impeça de estar presente, oferecer ajuda e fazer o trabalho de forma coletiva e participativa.

- *Você tira o chapéu para essa pessoa? (chapéu com um espelho dentro, quando a pessoa olhar, verá sua imagem refletida):* tem por objetivo a autovalorização, bem como trabalhar a autoestima e conscientizar a pessoa das próprias qualidades.
 - *Leitura do texto “O quilômetro extra”:* seu intuito é estimular a pessoa a realizar sempre mais, a estar à frente e se conscientizar do papel de cada um como educador na sociedade em que está inserido.
 - *Apresentação de vídeo e de texto do educador Ruben Alves,* despertando dentro de cada participante a figura do educador, conscientizando e valorizando seu papel na sociedade. Realizou-se uma homenagem ao Dia do Educador para o grupo.
 - *Dinâmica de roda no pasto apícola e finalização no interior do Instituto no encerramento do dia:* essas atividades de roda sempre eram realizadas, principalmente no encerramento, para que cada participante pudesse expressar as próprias emoções de maneira clara e livre.
- b) *DVD.* Alguns vídeos utilizados na formação do grupo complementaram o DVD usado pelo grupo em suas oficinas. Esse material de apoio continha os seguintes vídeos: O veneno está na mesa; HOPE (Esperança); Terra vista do espaço; Pense novamente; Mensagem para o século 21; Um caminho para Gaia; Os ciclos da água; Evolução da espécie; e A carta da Terra.
- c) *Manual do Motirô da Jataí.* Esse manual foi elaborado pela equipe técnica e, através de uma linguagem bem simples e objetiva, resumia os principais tópicos do projeto: abelhas nativas, polinização, mata nativa, práticas agroecológicas e dicas de preservação.
- d) *Apostila de oficinas internas e externas.* Esse material foi utilizado internamente pelo grupo para a preparação de suas oficinas. Incluía a elaboração participativa do planejamento e mais seis etapas assim denominadas:
- Etapa I:** Nosso sonho – identificação e envolvimento das parcerias
- Etapa II:** Como fazer – coordenar o primeiro encontro entre as parcerias
- Etapa III:** Tomando forma – a ideia na prática
- Etapa IV:** A transformação – avaliação das oficinas
- Etapa V:** Avaliando os resultados – mensuração dos resultados
- Etapa VI:** Um convite para transformar – realização da oficina externa

- e) *Ambiente virtual de aprendizagem.* Roberto Matajs digitalizou o material pedagógico do Projeto Motirô da Jataí e disponibilizou esse conteúdo digital e um ambiente virtual de aprendizagem utilizando o programa Moodle (*Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment*).

A sala de aula virtual ficou aberta durante 5 meses para que o grupo tivesse acesso on-line ao conteúdo e pudesse rever o aprendizado e tirar eventuais dúvidas. O técnico Bruno Cutinhola ensinou como acessar o curso on-line e criou e-mail para quem não possuía. Infelizmente, a maior parte dos alunos não teve oportunidade de acessar o curso virtual, em virtude de não possuir computadores com acesso a internet. Veja abaixo a página de apresentação do curso mostrando materiais complementares, atividades, *links* para site e fóruns sobre alguns temas abordados no curso presencial.

The screenshot shows a Moodle course page with the following structure:

- Left Sidebar (Configurações):**
 - Administrador do curso
 - Aluno: estudo
 - Aluno: configurações
 - Users
 - Materias
 - Foruns
 - Revisão de aprendizagem
 - Definir
 - Revisar
 - Visitar
 - Reconfigurar
 - Últimas das aulas
- Central Content Area (Projeto Sem-árvore no cerrado):**
 - Descrição:** Nossa ação é orientar os apicultores nortenhos na criação de abelhas nativas. Educarmos e apoiarmos os apicultores nortenhos.
 - Objetivo:** Atrair abelhas nativas disponibilizando sucos artificiais e os materiais impresos disponibilizados para os professores, pesquisadores e visitantes que visitam os centros.
 - Submenu:** Clique no link para entrar no ambiente que precisar o treinamento.
 - Downloads:** Documentos de apoio.
- Bottom Navigation (Abeira Jataí):**
 - PONTO DE FRUTÍFICA:** Includes links to 'Abeiras Jataí e Apis', 'Globo Natureza', and 'Site abelha nativa'.
 - FAZE E PENCE:** Includes links to 'Fórum da 1 semana' and 'Conhecendo um pouco mais sobre as abelhas'.
 - PRONTO PARA PRÓXIMA ETAPA?** Includes links to 'Questionário sobre as abelhas', 'Abeiras', 'Glossário das abelhas do Brasil', and 'Base de dados sobre as abelhas'.

Página de apresentação do curso moodle.

2.3. Meta 3: Capacitação prática

A capacitação prática foi realizada em duas etapas: a inicial deu-se nas dependências do Instituto Pedro Matajs e no espaço cedido pelo parceiro no Sítio Dourado; a sequência da capacitação consta da meta 5, que será explicada mais adiante. Para essa fase do projeto as atividades propostas foram:

2.3.1. Meliponicultura

Nesta fase, foram passadas orientações práticas para que os educadores pudessem ir associando com as aulas teóricas.

a) *Tarefa de campo:* A atividade sob a orientação técnica da Sra. Ana Coutinho, meliponicultora, realizou-se nas dependências do Instituto Pedro Matajs e no Sítio Dourado. O grupo formado por educadores, convidados e equipe técnica participou dessa atividade, cuja finalidade foi o despertar através da observação da quantidade e variedade de abelhas existentes no entorno das flores, tanto nas plantas exóticas como nas árvores da floresta nativa existente.

Observou-se que as árvores nativas de grande porte, e que possuem flores miúdas, são polinizadas por espécies pequenas de abelhas nativas; já quando a flor é grande, como no caso do maracujá, a polinização é feita por uma abelha maior: a mangagava. Citou-se também a importância da polinização para espécies da mata nativa que estão em extinção, pois, quando ocorrer o desaparecimento de determinada espécie de abelha nativa, aquela espécie de árvore também será extinta, o que afetará todo o ecossistema.

b) *Implantação de iscas:* Foi realizada uma atividade prática no preparo das iscas para capturar enxames de abelhas nativas. Utilizando-se garrafas pet, cera de abelha e própolis, as iscas preparadas pelos participantes foram espalhadas pelo Instituto Pedro Matajs.

c) *Preparo de armadilha para forídeos:* Em um pequeno suporte foi colocado algodão embebido em vinagre para atrair forídeos (moscas brancas), de forma que, ao entrarem nos ninhos, não façam postura nos potes de pólen, favos ou lixeira.



Tarefa de campo.

- d) *Preparo do equipamento de segurança:* Neste caso, realizou-se uma oficina em que os educadores confeccionaram com tule e elástico o chapéu a ser utilizado no manuseio das abelhas. Essa proteção evita que as abelhas, quando agitadas, se enrosquem nos cabelos ou nos pelos dos braços das pessoas.



Implantação das iscas.



Preparo do equipamento de segurança.

2.3.2. Agroecologia

As capacitações práticas sobre os temas relacionados à agroecologia foram desenvolvidas no Instituto Pedro Matajs, no Sítio Dourado, e durante as visitas técnicas nas propriedades dos educadores comunitários agroecológicos. Os principais temas abordados foram:

- a) *Adubação verde:* A primeira atividade de manejo para a preparação do pasto apícola no Sítio Dourado foi a prática da adubação verde. Essa técnica de manejo visa recuperar as qualidades físicas, químicas e biológicas do solo por meio da semeadura de diversos tipos de sementes, principalmente as leguminosas.

Essas sementes são consideradas rústicas por terem a capacidade de se desenvolver mesmo em solos degradados e compactados. Desde modo, suas raízes realizam um processo de descompactação do solo, tornando-o mais fofo, permeável e aerado, fatores que contribuem positivamente para a recuperação do próprio solo e para o desenvolvimento das plantas.

Após cerca de três a quatro meses, dependendo das sementes utilizadas, realiza-se a atividade de roça das plantas com o intuito de promover a decomposição do material e a reciclagem dos nutrientes, que serão novamente disponibilizados no solo. Após a aduba-

ção verde ter sido roçada, há duas possibilidades de manejo do material. Uma delas é a incorporação do material roçado ao solo, atividade realizada com o uso de ferramentas ou maquinário. Essa opção é mais adequada quando a intenção é recuperar mais rapidamente o solo, pois acelera a decomposição do material e incrementa a quantidade e a diversidade de microrganismos. A outra possibilidade consiste apenas na manutenção do material

roçado acima do solo. Assim, ele é utilizado como cobertura e sua decomposição torna-se mais lenta e gradual. Essa opção é mais adequada quando se pretende proteger o solo.

Com a decomposição das plantas roçadas, nutrientes que se localizavam em camadas mais profundas do solo e indisponíveis para culturas de raízes pequenas, como as hortaliças, por exemplo, são transportados para as camadas mais superficiais, tornando-se disponíveis para as culturas de subsistência ou comerciais. Além disso, as plantas leguminosas, como as variedades de feijões cultivados como adubação verde, têm a capacidade de se unir a determinados microrganismos do solo e realizar a fixação do nitrogênio do ar nas suas raízes, e, em seguida, de se distribuir em todo o tecido vegetal. Ao sofrerem o processo de decomposição, essas plantas transferem o nitrogênio fixado no solo, tornando-o assim mais rico nesse importante nutriente atmosférico.

A seguir, a lista de algumas sementes que podem ser utilizadas como adubação verde: Aveia-preta; Azevém; Calopogônio; Variedades de crotalária; Feijões: de porco, guandu, carioca, branco, preto, de corda, fava etc.; Variedades de mucuna; Girassol; Soja; Leucena; Nabo forrageiro; Tremoço; Gergelim; Amendoim; Trigo; Sorgo; Ervilhaca; Milheto etc.

- b) *Compostagem*: A compostagem é um processo essencial quando falamos em agroecologia. Nas capacitações práticas relacionadas à agroecologia no Projeto Motirô da Jataí, a compostagem cumpriu um papel importante e foi realizada tanto no Sítio Dourado como nas propriedades dos educadores comunitários agroecológicos.



Adubação verde.

Os benefícios do composto orgânico são amplamente reconhecidos tanto por cientistas como por agricultores. Seu uso contribui para a recuperação e manutenção da qualidade do solo, em seus aspectos físicos, químicos e biológicos. Assim, a produção e o uso contínuo do composto orgânico na propriedade proporciona a reciclagem dos nutrientes e colabora com o desenvolvimento de plantas saudáveis, bem nutritas e resistentes.

Na implantação da compostagem no Sítio Dourado, o sistema utilizado foi o da pilha aeróbica. Esse sistema consistiu na inserção, em camadas, de material orgânico seco (folhas, capins, gramas etc.) e fresco (esterços e resíduos de alimentos como folhas, talos, cascas, bagaços etc.)

na proporção de três partes de material seco para uma parte de material fresco. Após três meses de manejo da pilha, que consistiu na manutenção da umidade e da aeração, realizada por meio de regas e reviradas periódicas da pilha, o composto orgânico ficou pronto para uso.

Esse composto produzido pelos educadores foi utilizado na implantação e manutenção do pasto apícola no Sítio Dourado.



Compostagem.

c) *Preparo do canteiro de húmus:* A capacitação prática para a implantação do canteiro de húmus foi realizada pela agricultora Angelina Helfstein Fidêncio, que produz húmus de minhoca desde 2005 na região de Parelheiros.

1. A primeira etapa do preparo foi realizada com a utilização de esterco de cavalo curtido e matéria orgânica. Após o período de decomposição e produção do substrato, foi possível inserir minhocas californianas para que iniciassem o processo de transformação do composto em adubo o húmus de minhoca, mantendo um controle contínuo de umidade, luminosidade e predadores.
2. O grupo fez uma nova pilha de compostagem com o intuito de preparar composto para o novo ciclo do minhocário, pois o primeiro canteiro já estava com as minhocas e, em breve, mais composto seria necessário para alimentá-las.

Também realizaram uma observação coletiva do canteiro de húmus, na qual identificaram que o processo seguiu conforme o esperado: as minhocas não fugiram e não havia presença de formigas ou de sanguessugas.

- d) *Chorumada*: Foi desenvolvida também, durante as capacitações práticas, a chorumada. Essa espécie de biofertilizante líquido é um preparado utilizado com os objetivos de nutrir as plantas, enriquecer a microvida do solo e atuar como um repelente natural.

Sua preparação consiste na inserção de diversos materiais de origem vegetal, mineral e animal em um recipiente com água. A ideia é inserir ao menos um material que represente cada um dos elementos presentes na propriedade, com o intuito de desenvolver um banco de informações que contenha as principais características biológicas e físicas do local.

Em seguida, realiza-se o processo de dinamização do material. Com um cabo de madeira, aplicam-se movimentos circulares para mistura do material por ao menos trinta minutos por dia. Após quinze dias, a chorumada já pode ser utilizada diluindo-a em uma proporção de dezenove litros de água para um litro de chorumada, a fim de posterior pulverização nas folhas ou diretamente na terra.

- e) *Cobertura morta*: O atual processo em âmbito global de degradação e perda dos solos é um dos principais desafios para o desenvolvimento da agricultura. A partir de uma concepção agroecológica de manejo, a proteção dos solos representa um aspecto essencial para a qualidade dos sistemas de produção agrícolas. Nesse sentido, manter o solo coberto com matéria orgânica, principalmente nas regiões tropicais, é uma necessidade.



Preparo do canteiro de húmus.



Chorumada.

MOTIRÔ DA JATAÍ

Essa atividade de manejo, além de promover a reciclagem dos nutrientes, resulta em diversos benefícios para a saúde do solo, como a proteção contra os processos erosivos gerados pelas chuvas e pelos ventos; a regulação da temperatura dos solos, que contribui para a redução da perda de água por evaporação e para a proteção dos microrganismos do solo, os quais não suportam temperaturas elevadas.



Cobertura morta.

Desse modo, a prática da cobertura morta esteve presente tanto nas capacitações práticas do projeto como na realização das oficinas externas nas propriedades dos educadores.

- f) *Sistemas agroflorestais*: Existem vários tipos de sistemas agroflorestais. Eles basicamente consistem em sistemas de consorciamento de espécies vegetais, que crescem com rapidez e equilíbrio ecológico, sendo concebidos com o propósito de associar a proteção, a conversão e a recuperação do meio ambiente com as atividades econômicas produtivas.
- g) *Pasto apícola*: No Projeto Motirô, utilizamos os princípios dos sistemas agroflorestais, também conhecidos como agroflorestas, para a implantação dos sistemas de pasto apícola nas propriedades dos educadores comunitários agroecológicos e no Sítio Dourado. Assim, os pastos apícolas, além de representar ambientes de nutrição das abelhas, se tornaram áreas produtivas e de recuperação ambiental. Frente à necessidade de realizar um planejamento do pasto apícola que permitisse a presença de flores durante todas as estações do



Sistema agroflorestal.



Pasto apícola.

ano, decidimos usar a técnica do calendário sazonal. Assim, cada agricultor explanou para o grupo quais sementes e mudas que tinham à disposição e essas foram inseridas no calendário para posterior identificação do período de floração. Desse modo, essa atividade uniu o levantamento de plantas a ser cultivas nos pastos apícolas, os períodos de floração e o planejamento para produção de mudas.

O que um pasto apícola? Um pasto apícola é formado por diversidade de plantas que possuam floração adequada para que as abelhas possam efetuar a polinização e de lá retirar o pólen e levar para as colônias. No caso das abelhas nativas todo o pólen retirado serve para a produção do mel, pois como já enfatizamos que a quantidade de mel produzida pela abelha nativa é muito pequena, que resulta em alimento para a abelha rainha e o ninho. Este pode ser a mata nativa ou um pasto apícola didático planejado.

Iniciamos o pasto apícola didático com o preparo do solo, aplicando o biofertilizante (chorumada), posteriormente realizamos o plantio de adubação verde, com o lançamento à lanço de sementes próprias como: aveia preta e amarela, crotalária, feijão de porco, nabo forrageiro e girassol, após o término da semeadura, foi feita a cobertura morta com o capim roçado do entorno.

A adubação verde plantada no pasto apícola do Sítio Dourado foi incorporada ao solo pelos educadores, após três meses do plantio. Foram definidos dois métodos de incorporação realizados em diferentes parcelas da área plantada, o primeiro com o pisoteio formando corredores circulares mantendo parte das plantas e o segundo através da roçada com incorporação da matéria orgânica no solo. Parte das plantas foram mantidas em formato de borda como quebra vento e quando floriram foi possível observar a quantidade de abelhas, borboletas e demais insetos que circulavam no espaço.

O grupo refletiu sobre o desenvolvimento e aprendizados com o processo da adubação verde e observou as mudanças na paisagem, na biodiversidade e nas características físicas, químicas e biológicas do solo. A segunda etapa foi concluir o planejamento através do mapa falante elaborado pelos educadores, adotando o sistema agroflorestal para a implantação do pasto apícola no Sítio Dourado. Em mutirão através da formação de grupos de trabalho houve o plantio coletivo de diversas espécies conforme o planejamento em aula.

A terceira etapa, foi a implantação das caixas-isca e a introdução da colônia da abelha nativa Jataí. Com o espaço concluído, fez-se a necessidade de manutenção, que ocorreu por todo o projeto.

- h) *Mapa falante*: Como inicio foi realizado o preparo do esboço da propriedade parceira o Sitio Dourado, para que observassem os detalhes da mesma. Posteriormente o grupo se reuniu e realizou o desenho (mapa falante) coletivo incluindo algumas mudanças necessárias



Mapa falante.

na paisagem. A finalidade deste exercício foi para que pudessem utilizar uma técnica de visualização e assim realizar um diagnóstico levantando os aspectos positivos e negativos encontrados, elaborar o desenho (mapa falante) e na sequência, dar início ao planejamento das mudanças necessárias para a implantação do pasto apícola em suas propriedades e também para os locais na comunidade onde fossem atuar.

Diversos participantes comentaram que a elaboração do desenho em suas casas atraiu os demais familiares a participar refletindo sobre os elementos, localizações, problemas e sonhos da família em relação à propriedade.

- i) *Preparação de mudas*: Atividade realizada no viveiro do Instituto Pedro Matajs a partir de sementes, estacas e mudas trazidas pelos educadores.

O grupo preparou o substrato a partir de proporções distintas de substrato pronto (comprado), composto e húmus de acordo com as necessidades de cada tipo de planta. Foram compartilhados nomes populares, características e usos das plantas trazidas pelos educadores. O plantio foi realizado em bandejas e saquinhos plásticos para desenvolvimento e futuro uso no pasto apícola e em doações para as oficinas realizadas na comunidade. Dentre as mudas preparadas

constavam frutíferas, ornamentais, aromáticas, hortaliças e trepadeiras.

As atividades de campo realizadas nessa meta refletiram positivamente no grupo, pois através delas possibilitou-se a intensificação das relações interpessoais e das trocas de saberes entre os educadores, o que fortaleceu o clima de aprendizado mútuo e de confraternização.



Preparo de mudas.

2.4. Meta 4: Implantação

2.4.1. Visitas técnicas para planejamento da propriedade

Os educadores receberam a visita da equipe técnica inicialmente para a realização de um diagnóstico das propriedades por meio de um questionário, em que algumas informações preliminares foram tabuladas para auxiliar no início do planejamento de cada propriedade, visando implantar as caixas de abelhas, o pasto apícola, os canteiros para compostagem, o húmus de minhoca, um pequeno viveiro de mudas, bem como para orientar na adequação

de acordo com cada realidade e objetivo demonstrado pelos educadores.

Com o questionário tabulado, foi possível conhecer as propriedades, contatar os demais membros da família, avaliar o conhecimento e o grau de envolvimento dos educadores com a agroecologia, e, em especial, detectar a presença de abelhas nativas de algumas espécies alojadas em paredes, blocos de concreto e troncos de árvores.



Visita técnica e implantação.

2.5. Meta 5: Processo produtivo

A partir da elaboração do desenho (mapa falante) de cada propriedade, foi possível iniciar o planejamento individual, mas como as propriedades estavam para se tornar “propriedades modelo”, tornou-se necessária a implantação básica, a fim de que os educadores pudessem se estruturar para recepcionar seus convidados nas oficinas que seriam realizadas por eles de acordo com o cronograma previamente estabelecido.

Realizamos, então, um mutirão, com a finalidade de reforçar a execução na prática das atividades seguindo um planejamento, com os educadores e a equipe técnica na propriedade do educador, o sr.



Mutirão.

Sponchiado, sendo desenvolvido na ocasião: Orientações técnicas sobre o planejamento na propriedade; Implantação e manejo agroecológico do pasto apícola; Definição dos espaços para o viveiro de mudas, canteiros de compostagem e de húmus; Envolvimento da família nas atividades do projeto; Realização de almoço comunitário; Avaliação da atividade.

Nesta meta, os educadores executaram nas suas propriedades as seguintes atividades:

2.5.1. Criação e manejo de abelhas e processamento de mel

Focamos as atividades no modelo de criação racional, no qual caixas adequadas foram utilizadas para a instalação das colônias de abelhas Jataí por se adaptarem ao manejo racional, abelhas essas que foram adquiridas de criador credenciando na Associação Paulista de Apicultores Criadores de Abelhas Melíferas Europeias – APACAME e de ocorrência natural da região Sudeste, atendendo, assim, à legislação vigente, que regulamenta a utilização das abelhas silvestres nativas, de acordo com a Lei n. 6.938, de 31 de agosto de 1981, e Decreto n. 99.274, de junho de 1990.

As caixas de abelhas encomendadas para ser inseridas nos pastos apícolas seguem um padrão desenvolvido pelo sr. Paulo Nogueira Neto, que possibilita o manejo adequado das abelhas sem ferrão.

Para que os educadores pudessem receber a inserção da colônia de abelhas Jataí prevista no projeto, foi necessário que todos estivessem com o pasto apícola didático pronto e com as caixas-isca instaladas. Poderiam, inclusive, ter as caixas-isca no pasto apícola natural, ou seja, na proximidade da mata nativa. Após a inserção, a técnica Ana reforçou todos os cuidados necessários a partir desse momento, relembrando e discutindo com cada educador as orientações passadas nas aulas teóricas pelo sr. Paulo Coutinho, e citou um lembrete em especial: “nós nos



Inserção de colônia.

alimentamos com produtos que foram polinizados pelas abelhas e as abelhas se alimentam do mel, portanto, não vejam as abelhinhas como produtoras em escala”.

Nas fases posteriores, as inserções exigiram inspeções periódicas, mas sempre se tomando o cuidado de não estressar a colônia:

► **Inimigos naturais:** O ataque de formigas é evitado mantendo-se os pés dos suportes das caixas fixados no chão, com britas no entorno, protegido com óleo queimado, assim como observando-se a não existência de ninhos com ovos nas telhas. Quanto a forídeos, o ataque pode ser evitado utilizando-se uma armadilha de vinagre colocada próximo aos potes de mel, bem como de aranhas que fazem teias e se alimentam das abelhas, de lagartixas, pássaros, e até de outra espécie de abelha mais guerreira.

► **Alimentação:** A alimentação só foi necessária quando a colônia da mandaçaia estava fraca no período do inverno e foi introduzido mel para a alimentação das abelhas.

► **Transferência das caixas-isca:** As colônias foram trazidas em caixas-isca adaptadas pelo criador e transferidas para as caixas definitivas no pasto apícola a partir de setembro de 2012, com a entrada da primavera.

► **Caixas-isca:** As demais caixas instaladas no pasto apícola foram limpas e pulverizadas com álcool e própolis para dar início à captura de novos enxames, pois durante o projeto as colônias não estavam suficientemente fortes para ocorrer a divisão da colônia, por isso optamos pela adoção de caixas-isca.



Inimigos naturais.



Transferência da caixa-isca.



Caixas-isca.

No decorrer do projeto, tivemos o enfraquecimento de algumas colônias, que foram removidas para o criador para avaliação do problema e inserção de novas campeiras. Um outro caso bastante interessante foi o da propriedade da sra. Massue: em março de 2012, realizou-se a transferência de uma colônia de Jataí antiga, muito mal alojada em um bloco, para a caixa, que foi então colocada no pasto apícola didático. Quando a inserção da nova colônia prevista no projeto foi realizada, as abelhas migraram para a outra caixa, na qual a colônia estava mais forte, fazendo, inclusive, uma nova entrada, o que acabou por enfraquecer a colônia inserida posteriormente. Assim, fez-se necessário a remoção da colônia inserida, que foi levada para o criador, a fim de que novas campeiras pudessem realizar o trabalho de alimentação e fortalecimento das abelhas.

Outras etapas realizadas no período de frio foram: colocação da proteção com isopor no entorno da caixa, para que as abelhas se mantivessem aquecidas; verificação do sol e do posicionamento do vento; limpeza do local de instalação das caixas; e atenção, pois, como as abelhas são dóceis estão sujeitas a ser roubadas por pessoas inescrupulosas.

2.5.2. Cultivo no pasto apícola

Os educadores foram visitados pela equipe técnica para orientações não só sobre a área do pasto apícola, mas também a respeito das demais áreas da propriedade, uma vez que a proposta era transformá-las em “propriedades modelo” para a realização das oficinas com a comunidade. E com base na elaboração do “mapa falante”, elaborado pelo educador, foi possível trabalhar:



Mudas.

- ▶ Planejamento de manejo a ser implantado na propriedade;
- ▶ Orientações técnicas sobre o manejo agroecológico;
- ▶ *Pasto apícola*: os cuidados com as mudas plantadas; a inserção de novas mudas no pasto já implantado; e a verificação da possibilidade de ampliação da área com adubação verde e cobertura morta;
- ▶ *Compostagem*: produção do composto de acordo com as orientações técnicas já passadas;
- ▶ *Minhocário*: orientação do espaço para a construção do minhocário, e, para os que já possuíam um, acompanhamento e orientação para o uso correto do húmus;

- ▶ *Produção de mudas:* os participantes receberam húmus, substrato e sacos plásticos para a produção das mudas a ser distribuídas nas oficinas;
- ▶ *Caixas de abelhas:* as caixas foram instaladas no pasto apícola e em outros locais da propriedade com pasto apícola natural e segundo orientação da técnica Ana.

2.6. Meta 6: Visitas externas

2.6.1. Meliponário

Realizou-se visita na propriedade da meliponicultora Ana Coutinho, para que o grupo pudesse observar o manejo de caixas-isca de forma natural, além de manusear material das abelhas *Apis*, como a centrífuga e as melgueiras, e perceber as diferenças entre as caixas.



Invólucro.

Nessa visita foi possível conhecer, através de uma caixa com finalidade didática, o invólucro que protege o ninho da Jataí, a disposição dos discos, os potes de alimento, a lixeira e a própolis que reveste a caixa.

Durante o encontro deu-se explanação sobre as diferenças entre o mel da *Apis*, mais doce, sobre a veracidade da sua cristalização, e a necessidade da pasteurização do mel da Jataí, por ser mais ácido, bem como seu uso mais para fins terapêuticos e a durabilidade de cada um dos tipos de mel. Não foi possível, porém, presenciar a retirada do mel, pois era inverno, e o mel nas colônias tinha a finalidade exclusiva de alimentar as abelhas, uma vez que, nesse período, a florada é mais escassa, dificultando o trabalho das abelhas campeiras de levar alimento para dentro da colônia.

O grupo também teve a oportunidade de verificar nessa visita os cuidados com uma colônia de abelhas nativas de chão socorrida pela sra. Ana. Essa colônia estava protegida e em fase de recuperação para ser inserida novamente na natureza.

2.7. Meta 7: Oficinas internas e externas

2.7.1. Oficinas internas

A última etapa para o grupo ir a campo finalmente ocorreu: as aulas para a preparação das oficinas internas e externas ficaram a cargo de Liliane Matajs e de Roberto Matajs, que elaboraram material específico para esse fim. Porém, para tanto foi necessário o planejamento de curso elaborado com os educadores:

PLANEJAMENTO – GRUPO MOTIRÔ DA JATAÍ

OBJETIVO GERAL:

- ▶ Conscientizar a comunidade sobre a necessidade de preservar a natureza e a importância da abelha Jataí para o ecossistema através da polinização;
- ▶ Integrar a comunidade em práticas saudáveis para a preservação do meio ambiente.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- ▶ Promover a conscientização e a sensibilização da comunidade através da divulgação do Projeto “Motirô da Jataí”;
- ▶ Integrar a comunidade à natureza de uma forma saudável, adotando, para tanto, práticas agroecológicas;
- ▶ Disseminar o conhecimento sobre agroecologia e sua importância para a natureza (seres vivos e não vivos);
- ▶ Conceituar comunidade e demais envolvidos sobre o que é um pasto apícola e qual a sua importância para a biodiversidade;
- ▶ Identificar, aprimorar e incentivar o plantio de plantas que servirão para a formação do pasto apícola, bem como instruir sua manutenção;
- ▶ Conscientizar e sensibilizar a comunidade e demais envolvidos acerca das espécies que estão correndo o risco de ser extintas da região;
- ▶ Conscientizar e sensibilizar a comunidade e demais envolvidos sobre o perigo de utilizar venenos, agrotóxicos e adubos químicos nas plantações;
- ▶ Identificar pessoas ou instituições com potencial para disseminar na comunidade as práticas aprendidas com os educadores do Projeto “Motirô da Jataí”, tornando-os futuros multiplicadores.

METODOLOGIA:

- ▶ Elaboração do mapa falante da região envolvida visando fazer o reconhecimento da área em que se irá trabalhar;
- ▶ Realizar na comunidade visitas individuais ou em grupos;
- ▶ Apresentar projetos à comunidade através de folders, cartazes, conversas formais ou informais;
- ▶ Promover reuniões, palestras e seminários em pontos de liderança na comunidade com datas determinadas;
- ▶ Divulgar palestras e encontros na comunidade através da confecção de cartazes e distribuição de folders;
- ▶ Utilizar-se de um vocabulário adequado ao interlocutor;
- ▶ Organizar “feiras de trocas” e bazares com produtos da própria comunidade;
- ▶ Promover encontros educativos no próprio pasto apícola da propriedade;
- ▶ Promover oficinas para disseminar práticas agroecológicas, como oficina de adubação verde, de produção de húmus e de defensivos naturais;
- ▶ Utilizar recursos audiovisuais, como documentários e filmes, adequados ao tema abordado;
- ▶ Distribuir mudas pela comunidade.

AVALIAÇÃO:

- ▶ Através do envolvimento dos membros da comunidade.

Com o planejamento em mãos, a próxima atividade foi trabalhar as seis etapas referentes às oficinas.

ETAPA I

Nosso sonho – IDENTIFICAÇÃO E ENVOLVIMENTO DE PARCERIAS

Participantes: educadores e parcerias.

- ▶ Mapear parcerias para implementação.
- ▶ Identificar parcerias com maior afinidade com a proposta.
- ▶ Apresentar o programa.
- ▶ Concretizar a parceria.
- ▶ Apresentar material de apoio (folders, cartazes, cartões etc.)
- ▶ Integrar as parcerias para dar início às atividades.

Como fazer?

- ▶ Visitar os locais.
- ▶ Apresentar o projeto através de conversa informativa e apresentação do material de apoio.
- ▶ Listar contatos.
- ▶ Observar o espaço para verificar que tipo de oficina poderia ser aplicada (uma palestra, uma reunião, uma oficina prática - reciclagem, horta coletiva etc.) e o público-alvo a ser atingido (mulheres, crianças, agricultores etc.).
- ▶ Registrar o que foi observado.

ETAPA II

Como fazer – COORDENAR O PRIMEIRO ENCONTRO ENTRE AS PARCERIAS

Participantes: educadores e parcerias.

- ▶ Definir a parceria para a realização da oficina.
- ▶ Elaborar a oficina.
- ▶ Estabelecer contato com o responsável pela parceria pessoalmente, por telefone ou por e-mail.
- ▶ Agendar local, data e horário para a realização da oficina.
- ▶ Período de duração da oficina.
- ▶ Contar com o apoio do parceiro para a divulgação da oficina.
- ▶ Realizar a oficina.

Como fazer?

- ▶ Definida a parceria e a oficina, contatar e agendar um horário para uma reunião prévia.
- ▶ Comunicar a coordenação do Instituto o agendamento da oficina com 15 dias de antecedência.
- ▶ Elaborar a oficina (para elaborar uma oficina é necessário saber o público-alvo que se deseja atingir e o local onde ela será realizada).
- ▶ A oficina pode ser uma palestra, uma reunião, uma atividade prática, e pode conter uma dinâmica de grupo, um recurso audiovisual.
- ▶ Confeccionar um pequeno cartaz divulgando a oficina para que seja fixado em vários locais da comunidade. Se possível, também fazer a divulgação por e-mail ou telefone.

Como elaborar uma oficina?

O **COMO VAI AO ENCONTRO
COM **O QUE** VOCÊ DESEJA TRANSMITIR.**

Esse é o princípio para elaborar uma oficina, seja ela uma simples palestra ou uma atividade prática.

Com base no tema a ser abordado, partiu-se para o “como”.

1º PASSO – QUAL O TEMA A SER TRABALHADO?

2º PASSO – COMO SERÁ ABORDADO?

ETAPA III

Tomando forma – A IDEIA NA PRÁTICA

Participantes: educadores, comunidade e/ou parcerias.

- ▶ Início das apresentações das oficinas externas pelos educadores.
- ▶ Registro dos participantes através da lista de presença.

Como fazer?

- ▶ Realizar as oficinas a partir das datas agendadas.
- ▶ Fornecer lista de presença para ser preenchida.

A etapa III envolve a apresentação e a realização da oficina.

Para isso era necessário que estivessem definidos local e data, bem como conferido e separado todo o material utilizado, inclusive a lista de presença.

ETAPA IV

A transformação – AVALIAÇÃO DAS OFICINAS

Participantes: educadores e equipe técnica.

- ▶ Validação do projeto localmente (atingiu o objetivo?).
- ▶ Avaliação das apresentações.
- ▶ Trocar experiências entre o grupo referentes às apresentações feitas.

Como fazer?

- ▶ Realizar encontros periódicos com os educadores.
- ▶ Fornecer ficha de avaliação preenchida.
- ▶ Discutir a ficha de avaliação.
- ▶ Fornecer lista de presença preenchida.
- ▶ Relatar suas experiências com as oficinas.

Na etapa IV realiza-se estudo e avaliação das apresentações feitas externamente pelos educadores, levantando dúvidas e buscando sugestões para os desafios surgidos.

Realizar um sonho é dar a ele a forma que nos cabe dar sem perder de vista nosso objetivo maior, ou seja: indagar a nós mesmos o que queremos passar para as pessoas que nos cercam.

Com isso, transformar nosso sonho em uma ferramenta que podemos utilizar para compartilhar com a humanidade o que temos de melhor, e avaliar os resultados sempre sob um olhar de amor e otimismo!

Como dizia Saint-Exupéry: “Só se vê bem com os olhos do coração: o essencial é invisível aos olhos”.

ETAPA V

Avaliando os resultados – MENSURAÇÃO DOS RESULTADOS

Participantes: educadores e parcerias.

- ▶ Mensurar os resultados obtidos.
- ▶ Realizar encontros entre educadores e parcerias.
- ▶ Incentivar encontros entre parcerias e comunidade.
- ▶ Manter com os parceiros um canal aberto de apoio.

Como fazer?

- ▶ Mensurar os resultados através de registros e discussões acerca das fichas de avaliação.
- ▶ Manter sempre com os parceiros o telefone e/ou e-mail de contato do educador e do Instituto Pedro Matajs.

A etapa V visa aos resultados obtidos no decorrer do projeto, bem como aos que virão após seu encerramento. Colher resultados depende do empenho, do acompanhamento e da dedicação de cada um dos envolvidos no grupo.

ETAPA VI

**Parte prática: Um convite para transformar
REALIZAÇÃO DA OFICINA EXTERNA**

Nesta última etapa da oficina, teve início o trabalho com a comunidade em si.

A partir desta etapa o grupo colocou em prática tudo o que aprendeu e vivenciou nas etapas I a IV das oficinas.

Orientados e com o material necessário em mãos, os educadores saíram a campo para mapear e visitar locais nas suas regiões no período de 15 de dezembro de 2011 a 15 de janeiro de 2012, apresentando o projeto e trazendo ao final desse um mês de visitações os resultados obtidos.

E foi com grande surpresa que os recebemos com as listas de contato de pessoas interessadas em querer saber mais sobre o projeto, se disponibilizando para assistir a palestras e abrindo espaço para receber a equipe para orientá-las.

Como abelhas, saíram a campo, polinizando ideias e conhecimentos, fazendo com que tudo que aprenderam fizesse parte também da vida de outras pessoas.

Colhendo resultados

Na expectativa de querer fazer o melhor, ousei sonhar!

Sonhando me doe!

Doei primeiro meu tempo.

Depois doei minhas ideias.

Por fim doei meu próprio coração...

Depois que doei meu coração, coisas incríveis começaram a acontecer.

Primeiro: conheci pessoas.

Aliás, muitas pessoas.

Melhor dizendo: muitas pessoas diferentes!

Segundo: descobri que essas mesmas pessoas possuem o mesmo objetivo que eu, ou seja: fazer o bem!

Terceiro: descobri que posso me juntar a elas e aumentar meu poder de realização.

Quarto: descobri que não estava apenas colaborando com os outros ou com o meio ambiente,

mas, também, que estava colaborando comigo mesmo...

Estava colaborando comigo mesmo no sentido de me tornar um ser humano melhor ainda do que já sou.

E com isso fazer a diferença:

a diferença em fazer acontecer, mas, acima de tudo, a diferença em ser!

E por eu ser, descobri minha essência.

E por partilhar minha essência com os outros, colhi resultados.

Resultados estes que, com gratidão, aprendi a compartilhar:

“Nós podemos ser e fazer o melhor a cada dia. E o melhor não precisa necessariamente envolver grandes ações.

Podemos começar com um simples ato: o ato de amar, respeitar e preservar a biodiversidade que nos cerca!”

Liliane Matajs

Exercício: Registro dos meus resultados

Neste exercício foi solicitado a cada educador que registrasse em poucas palavras o que havia vivenciado até o momento (transcrevemos as falas dos educadores nas fases 3 e 4 do exercício):

1. Uma síntese dos meus resultados pessoais e para a comunidade.
2. Ilustrando meus resultados (pode ser uma figura, um símbolo).



Ilustrando os resultados.



3. Em uma palavra ou frase, o que fica de mim nesta fase do projeto e o que levo para mim:

Alunos	Fica de mim...	Levo para mim...
Adriana	Empolgação	Conhecimento primordial
Celina	Amizade	Amor das pessoas por nos receber bem!
Dora	Sempre temos o que aprender	Troca de conhecimentos e valores
Edmundo	A satisfação de poder contribuir	A certeza de que fiz o melhor
Lima	Todo o meu ser	Conhecimento, companheirismo
Massue	Conscientização	Esperança
Sponchiado	Vontade de continuar	A experiência com as pessoas

4. Qual a experiência mais marcante que ocorreu com você até agora no Projeto Motirô da Jataí:

Adriana

“Apesar do meu mau humor após uma desastrosa vinda ao TPM (o carro quebrou...), conseguiu mudar minha concepção sobre preservação e conscientização. O borracheiro também se preocupa com questões ambientais e também gostaria de participar de atividades ligadas à preservação da biodiversidade.”

Celina

“O cultivo de hidropônicos que visitamos. O cuidado que as pessoas já têm com as abelhas. O resgate que os antigos diziam que não é bom matar abelhas. O uso indiscriminado do agrotóxico. Uma senhora ofereceu maxixe para nós e foi gostoso!”

Dora

“Visita à região da antiga Vargem Grande: dona Cícera, que mora de favor e cultiva grama e amendoim; uma senhora simples, que vende a caixa de grama e ainda compra terra para produzir mudas com esgoto correndo a céu aberto.”

Edmundo

“O decorrer das visitas às pessoas e entidades trouxeram a noção da importância do tema para todos, uma vez que as pessoas até têm o desejo de ser úteis ao planeta, mas não sabem bem como fazer isso na prática. O projeto leva às pessoas a sensibilização e as alternativas que elas sempre quiseram e não tinham como executar por falta de quem as orientasse.”

Lima

“Foi conhecer cada uma das pessoas que fazem parte desse projeto, porque, para mim, é muito importante. Todos que fazem parte desse ideal são importantes também. Para mim, marcante é participar desse grupo!”

Massue

“Com o Projeto Motirô da Jataí, depois de quarenta anos vivendo nas redondezas, tive a oportunidade de conhecer os vizinhos que a gente vê, mas não tinha ideia onde moravam. Lugares que nem imaginava poder conhecer, e isso está sendo muito importante para mim.”

Sponchiado

“A experiência com os professores na escola da Barragem.”

2.7.2. Oficinas externas

A implantação prática do projeto ocorreu de janeiro a outubro de 2012. Após o mapeamento dos educadores, teve início o agendamento das palestras e oficinas. De início, essas oficinas iriam ocorrer apenas em suas propriedades, pois este era o foco do projeto: uma oficina por mês em cada uma das propriedades envolvidas. Porém, como a demanda foi grande, os educadores começaram a atuar na comunidade em trios, duplas ou individualmente, em diferentes instituições, adequando seu trabalho conforme o público-alvo, o que mereceu um capítulo à parte.

Uma vez por mês, ocorria a oficina na propriedade de um dos educadores. Todos os educadores atuavam, com a assistência da equipe técnica, cada um em uma determinada função. As oficinas eram previamente elaboradas pelo educador responsável pela propriedade e, após a distribuição das tarefas, o grupo preparava seu conteúdo.

Oficina Didática

A primeira oficina ocorreu em março de 2012 no Instituto Pedro Matajs e em parceria com o Sítio Dourado. Foi a oficina modelo do projeto, um estágio, e nos ajudou a perceber dificuldades e acertos. No encontro seguinte à oficina, nos reunimos para analisar e avaliar nossa atuação como educadores. Combinamos que cada oficina teria perfil próprio, pois cada propriedade tem suas peculiaridades. Porém, tínhamos um roteiro certo a seguir, assuntos que não poderiam ficar de fora: Dinâmica de apresentação; Apresentação do Projeto Motirô da Jataí; Compostagem; Húmus; Pasto apícola: adubação verde e plantio



Oficinas didáticas.

de mudas melíferas; Explicação sobre a importância da abelha nativa para a biodiversidade; Vídeo; Distribuição de mudas, manual e impressos; Lista de presença; Registro fotográfico; Dinâmica de encerramento com uma avaliação ou depoimentos dos convidados; Lanche (cada membro do grupo ficava encarregado de levar um item: suco/doce ou salgado); Lista de material de acordo com a oficina, por exemplo: data show, computador, caixa de som, banner, manual, DVD, panfleto, mudas, sementes de adubação, lista de presença, entre outros.

E caso alguma das propriedades possuísse um diferencial, nós o utilizávamos como mais um suporte didático, por exemplo: captação de água de chuva, fossa biodigestora, curva de nível, agricultura urbana e trilha ecológica.

Com a definição das datas, foi elaborado um cronograma para a realização das oficinas nas propriedades dos educadores.

Etapas preparatórias: a) Elaboração do convite; b) Distribuição do convite no entorno da propriedade receptiva; c) Envio do convite por e-mail; d) Revisão da propriedade para a realização da oficina.

Realização das oficinas externas para a comunidade nas propriedades dos educadores:

Educador: **Edmundo dos Santos**
data: 28/4/2012
horário: das 9h às 12h
tema: Aprendendo com a natureza
Bairro: Embura do Alto
APA: Capivari-Monos

Programação

- Recepção
- Dinâmica: Rede
- Introdução à agroecologia
- Solo – minhocário
- Preparo do canteiro de compostagem
- Pasto apícola
- Abelhas nativas
- Lista de presença
- Agradecimento e avaliação dos convidados
- Lanche coletivo
- Distribuição de mudas
- Entrega do manual e de impressos do projeto



Depoimentos

Encerramos a oficina com o depoimento de cada um sobre o que leva dessa experiência. Muitos foram os depoimentos, mas o que mais chamou a atenção foi o depoimento da dona Dalva (esposa do sr. Edmundo), que disse: “Este foi o projeto que mais gostei e vi resultado. Mudou até o Edmundo”. E, com alegria, completou: “Ele não arranca mais minhas plantinhas, que antes eu ficava triste e muito brava com ele; agora é diferente”.

Educador: **Celina Maria dos Santos Fontan**
 data: 23/5/2012
 horário: das 13h30 às 17h
 tema: Vamos preservar a natureza e
 curiosidade sobre abelhas sem ferrão
 Bairro: Vargem Grande
 APA: Capivari-Monos

Programação

- Café e Lista de presença
- Apresentação dos integrantes do grupo
- Apresentação do Projeto Motirô da Jataí
- Dinâmica: "O valor de uma vida" (poesia)
- Vantagens e desvantagens da produção orgânica, convencional e hidropônica
- Captação da água da chuva
- Irrigação por gotejamento
- Uso do plástico preto no solo como alternativa para diminuir o mato
- Semeadura de multimistura – adubação verde
- Cobertura de solo
- Preparação do canteiro de compostagem
- Explicação sobre o minhocário
- Pasto apícola com caixa-isca
- Abelhas nativas
- Lanche e café coletivo
- Distribuição de mudas e entrega do manual e de impressos do projeto



Depoimentos

Irmã da Celina: "Que Deus abençoe o trabalho de vocês. Eu vejo o resultado desse trabalho através do que a Celina faz aqui, e percebo a volta de muitas borboletas, muitos pássaros... Parabéns pelo que fazem". A educadora Celina, por motivos pessoais, não pôde dar uma continuidade mais ativa no bairro de Vargem Grande, mas está atuando na região de Cidade Ademar, onde mora, e já está colhendo frutos do seu trabalho na região.

Márcia Ramos, Cidade Ademar: "Conheci uma pessoa que jogava na pia todo óleo que ela fazia fritura. Eu falei que isso prejudica o meio ambiente, os rios, os mares. Agora, ela está guarda todo o óleo de fritura. Hoje eu conheci a Celina, e ela falou que faz sabão, e eu trouxe o óleo para ela."

Programação

Educador: **Massue Mizoguti Shirazawa**
data: 27/6/2012
horário: das 13h30 às 17h
tema: Aprendendo com a natureza
Bairro: Chácara Santo Amaro
APA: Bororé-Colônia

Recepção com café

Apresentação dos participantes

Apresentação do Projeto Motirô da Jataí

Orientação sobre a programação da oficina

Demonstração da captação de água de chuva

Canteiro de compostagem

Explanação sobre o preparo de bokashi

Minhocário ativo e a utilização do chorume com biofertilizante.

Apresentação de armadilha criada pela dona Massue para capturar mosca de tomate

Viveiro de hortaliças com a utilização de defensivos naturais

Adubação verde na área da agricultura

Horta com práticas orgânicas

Pasto apícola no pomar já formado

Abelhas nativas do pasto apícola e em outras localidades da propriedade

Lista de presença

Lanche coletivo

Distribuição de mudas

Entrega de manuais e de impressos do projeto



Depoimentos

Dona Cristina, uma convidada, comentou que faz captação de água em uma bomba, a armazena em garrafas pet e depois utiliza essa água para irrigação e nos sanitários.

A mãe de Tomie disse que começou a fazer compostagem e a aproximar as folhas dos pés das árvores, e que o resultado foi muito bom.

O sr. Makoto, a vida toda trabalhou usando agrotóxicos, e agora está vendo se não usa mais.



Programação

Recepção

Apresentação do Projeto Motirô da Jataí

Demonstração do preparo do canteiro de compostagem

Minhocário e destaque para as diferenças das minhocas californianas e caipiras

Adubação verde – com sementes para coletar

Pasto apícola formado

Abelhas nativas

Conhecendo a colônia de abelhas Jataí alojada na árvore

Caminhada ecológica pela mata nativa e na bica

Dinâmica de encerramento: o que fica em uma palavra após a saída da mata

Apresentação do vídeo Florestas dos homens

Lista de presença

Lanche e café

Distribuição de mudas

Entrega do manual e de impressos do projeto



Depoimentos

Do Sr. Pedro: "Mas se hoje não estivesse aqui, morreria sem saber a importância das abelhas."

Renata, a enteada do Sr. Sponchiado, e suas primas: "Demos um duro danado a semana inteira para deixar a trilha da mata em ordem, mas ficou bonito."

Programação

Recepção

Apresentação das pessoas com a dinâmica: Gestos

Apresentação do Projeto Motirô da Jataí

Preparação de pequeno canteiro de compostagem e demonstração de outro já com o composto pronto

Minhocário adaptado dentro de caixa de amianto

Horta com diversidade de cultivos para o pasto apícola e a identificação de colônia de abelhas Jataí na parede

Adubação verde – inserida no pasto apícola natural perto do pomar e da mata nativa

Abelhas nativas – a importância para a biodiversidade

Dinâmica de sensibilização: “Águas e Mata” – o grupo visita em silêncio o corpo d’água para refletir sobre a necessidade de conservação dos recursos hídricos

Explicação sobre a premiação da propriedade pelo Projeto Oásis

Fossa séptica – explanação sobre os benefícios do uso do saneamento alternativo pelo convidado Bruno Cipeli

Lista de presença

Apresentação dos vídeos Chega de fossa e Florestas e homens

Abertura do espaço para perguntas

Lanche coletivo

Distribuição de mudas, manual e de impressos

Educador: **Mara Adriana Coradello**
data: 25/08/2012
horário: das 14h às 16h30
tema: Aprender fazendo - Técnicas agroecológicas no sítio
Bairro: Barragem
APA: Capivari-Monos



Depoimentos

O marido da Sra. Maria de Lourdes comentou com a Leila: “Que dia lindo!”. E Leila respondeu: “É mesmo. Estamos indo embora e o sol ainda nos acompanha”. E ele então disse: “Não é isso, e sim o que hoje aprendi!”.



Programação

- Abertura com apresentação dos participantes
- Dinâmica aplicada: A rede
- Apresentação do Projeto Motirô da Jataí
- Horta com diversidade de cultura e grande número de abelhas nativas
- Preparação da compostagem
- Explanação sobre minhocário e biofertilizante.
- Pasto apícola com a semeadura da adubação verde e cobertura morta
- Abelhas nativas
- Vídeos: Um Caminho para Gaia e WWF: Lixo
- Lanche coletivo
- Distribuição de mudas, impresso e manual



Depoimento

Sr. Antonio: "É só começar mexer com a terra e o corpo se sente bem!"

Educador: **Teodora Helfstein Fidencio**
data: 06/10/2012
horário: 9h às 12h
tema: Aprendendo com a natureza
Bairro: Embura
APA: Entorno da APA
Capivari-Monos

Programação

Apresentação dos participantes

Dinâmica: Circulando

Introdução a Agroecologia

Diferenças entre produção convencional, hidropônica e orgânica

Compostagem e minhocário em caixa d'água

Plantio de mudas – dicas de como semear em caixas de leite

Demonstração de plantio de hortaliças em uma calha de amianto, como alternativa para pequenos espaços.

Explanação sobre o pasto apícola e as abelhas nativas.

Abertura para perguntas

Lanche coletivo

Distribuição de mudas, manual e impresso



Depoimentos

O Sr. Hermínio, marido da Dora, disse: "Fiquei feliz de ver a integração do grupo e o conhecimento daquilo que transmitem."

Sr. Antonio e seu filho Rafael: "Não tínhamos conhecimento sobre compostagem e vamos implantar na propriedade o mais breve possível."

As oficinas ocorridas nas propriedades dos educadores, tiveram um bom desempenho, algumas receberam números expressivos de convidados e chegamos a receber em uma das oficinas apenas 2 (dois), que participaram, questionaram e deram seus depoimentos.

Houveram atrasos, atropelaram ao se expressar, ficaram nervosos, sim, mas todos os educadores cumpriram o compromisso da adequação das propriedades, se empenharam muito para seguir o planejamento elaborado de cada oficina e conseguiram transmitir o aprendizado realizado durante a vigência do projeto, cada um na sua forma de se expressar, sabendo conduzir com autonomia e independência. E mesmo não atingindo um alto número de participantes nas oficinas das propriedades, temos educadores conscientes, que levarão essa proposta adiante, pois já está agregada a seus valores e convidados que levaram, além das mudas, informações que no decorrer do tempo irão germinar no seu interior e colocarão em prática alguma das atividades assistidas nas oficinas, seja na sua propriedade, com os vizinhos, na comunidade, não importa, mas já estão caminhando para se tornarem futuros multiplicadores.

2.8. Meta 8: Divulgação

Foram confeccionados impressos, cartões, manuais e banners utilizados pelos educadores e pela equipe técnica. Cada propriedade recebeu uma placa de identificação como participante do Projeto Motirô da Jataí.

Todo o trabalho de divulgação das oficinas foi realizado principalmente pelo educador responsável e por membros da equipe técnica.



Divulgação em feiras e eventos.

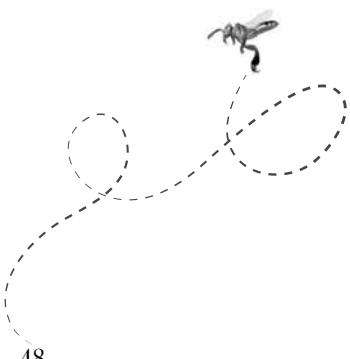


Confeccionávamos o convite e então realizava-se a distribuição: pessoalmente, por telefone, por e-mail e nos quadros de avisos de instituições diversas.

A divulgação do Projeto Motirô da Jataí ocorreu também em feiras e eventos espalhados pela grande São Paulo e outros estados, além de no site do Instituto Pedro Matajs.

O monitoramento do cronograma de execução das metas e atividades, foi realizado pela coordenadora executiva Sra. Leila Matajs em reuniões periódicas com a equipe técnica, em visitas específicas ou esporádicas nas propriedades, nas oficinas externas realizadas nas propriedades e nos parceiros, sendo possível avaliar o andamento do projeto. Também para a verificação da utilização por parte dos educadores das orientações técnicas recebidas da equipe técnica, avaliação do desempenho e do interesse de cada um, dificuldades, evoluções com erros e os acertos, detectar e orientar as falhas de comunicação entre equipe técnica e os participantes. Assim como, o zelo com a estrutura e o uso dos insumos fornecidos pelo projeto.

Finalizamos esse capítulo com a certeza de termos atingido os objetivos propostos no projeto e o cumprimento das metas e atividades, e ainda mais, a transformação de palavras abstratas escritas no papel, em ações concretas realizadas na comunidade.



CAPÍTULO 3

O DIA A DIA EM CAMPO



O Projeto Motirô da Jataí merece um capítulo à parte para falarmos das palestras e oficinas que ocorreram fora das propriedades dos educadores. Palestras essas que não estavam programadas no início do projeto. Surgiram devido ao interesse da comunidade em querer aprender e saber mais sobre os temas levados pelos educadores.

3.1. A abordagem

Os educadores, ao realizar a apresentação do projeto, abordavam a importância da abelha nativa para a preservação da biodiversidade e, a partir daí, trabalhavam temas pertinentes, dentre eles: alimentação saudável, práticas agroecológicas e preservação da natureza. A abelha Jataí foi uma ferramenta de acesso aos agricultores, moradores, trabalhadores e visitantes da região.

No entanto, nossos educadores encontraram algumas resistências ao longo do caminho, principalmente por parte de agricultores convencionais; porém isso não impediu a realização de suas atividades diárias – muito pelo contrário. Aos poucos, as resistências, por parte de alguns, quebravam-se e notava-se que ocorriam casos em que os agricultores usavam agrotóxicos até mesmo por não saberem como fazer “diferente”, ou seja, não conheciam as práticas agroecológicas, não possuíam as informações e orientações necessárias para a execução de uma plantação orgânica, muitos justificavam-se dizendo que “a vida toda plantaram desse jeito” (convencional).

Os educadores também tiveram dificuldade em encontrar os proprietários nas chácaras ou sítios, na maioria das vezes, deixados a cargo dos caseiros. Então surgia o conflito: “Mas eu sou só o caseiro”.

Alguns educadores, como Sr. Lima e Sr. Edmundo, tiveram muitos problemas de locomoção, e o educador Sr. Sponchiado enfrentou, além da dificuldade de locomoção, a falta de comunicação, pois, não possui linha telefônica e sinal de celular em sua propriedade. Mesmo diante dessas dificuldades, não deixaram de realizar as visitas.

Após a abordagem inicial, era hora de trazer para nossos encontros os dados colhidos e partir para a execução.

E foi aí que o projeto começou a ter rumo e vida próprios, pois o que seria apenas 1 oficina por educador, a ser realizada em suas respectivas propriedades, modificou-se tanto em relação quanto em quantidade e local. Tivemos que reformular nossa metodologia de ação, bem como nos adequar a demanda e realizar oficinas diferenciadas em diferentes locais e para diferentes públicos.

Parcerias foram sendo formadas com Associações de bairro, filantrópicas e religiosas, Unidades Básicas de Saúde, Escolas Estaduais, Centro da Cidadania da Mulher, Centro da Criança e Adolescentes e Aldeia Indígena. Pois quando o grupo iniciou o seu mapeamento, os responsáveis pelas instituições perguntavam se seria possível a realização de uma palestra “in loco”. O grupo trouxe para a equipe técnica e diretoria do Instituto Pedro Matajs essa necessidade da comunidade, o que foi prontamente atendido. E com o *acolhimento* pelas instituições da ideia do projeto, foi possível a divulgação para um número maior de pessoas, devido ao fato de que nas oficinas além dos responsáveis das parcerias, estavam presentes convidados e moradores da comunidade do entorno.

3.2. A execução

As palestras e oficinas, como relatado anteriormente, eram elaboradas a partir da temática, das necessidades do local e do público-alvo.

Com o público-alvo e local definidos; hora de estabelecer o tema a ser abordado e a forma de proceder. Para isso, os educadores preenchiam uma ficha de elaboração de oficinas com todos os dados necessários e estudavam o tema, e, caso fosse necessário ter a presença de mais educadores numa mesma oficina, esta era dividida em subtemas.

A partir desse roteiro a oficina era organizada e realizada. Geralmente, toda oficina ou palestra iniciava-se e encerrava-se com uma dinâmica previamente escolhida, levando em consideração o objetivo a ser alcançado pelo grupo (sensibilizar, integrar, conscientizar). A dinâmica aplicada era o gancho para abordar o tema a ser trabalhado pelos educadores. O grupo também se preparava para uma possível modificação de planos, tendo sempre um plano de apoio, caso necessitasse modificar algo durante suas apresentações, por exemplo: ser uma oficina externa e chover; ter, de última hora, uma modificação no tempo de duração da oficina; enfim, percalços a que todo educador está sujeito.

Ao final de cada oficina havia uma rodada de perguntas, passava-se a lista de presença, a entrega do *folder* e o manual explicativo do projeto, além da distribuição de mudas feitas pelos educadores.

De início tinham o acompanhamento da coordenação ou de um membro da equipe técnica em suas oficinas, porém conforme iam adquirindo maior segurança e domínio do assunto, começaram a realizar o trabalho sozinhos, trazendo para a equipe técnica o relatório de seu trabalho, o resultado e o que havia sido encaminhado.

Alguns exemplos de temas abordados nas oficinas realizadas nos parceiros: Alimentação saudável; Hortas orgânicas; Práticas agroecológicas; Aprendendo com a natureza; Saneamento alternativo; Conservação das abelhas nativas; Diferenças dos cultivos: convencional, hidropônico e orgânico.

Data da oficina: _____	
Educador: _____	
Local: _____	
Contato: _____ tel.: _____	
E-mail: _____	
Endereço: _____	
Público-alvo: _____	
Estimaiva de participantes: _____	
Objetivo: _____	
Tema: _____	
Duração da oficina: _____	
PROPOSTA DA OFICINA	
Introdução: _____	
Desenvolvimento: _____	
Conclusão: _____	
Material necessário: _____	
Observações finais: _____	
<hr/> assinatura do educador	

3.3. Os resultados

Resultados qualitativos são difíceis de mensurar, pois cada ser humano interioriza e comprehende conforme sua leitura. Esta leitura ocorre baseada em suas experiências, vivências e registros de memórias. Devido a isso, cada ser humano possui uma leitura única e pessoal e, muitas vezes, diferenciada do outro mesmo a mensagem tendo sido passada da mesma maneira para todos os envolvidos. Porém fica a certeza que muitos corações foram tocados, muitas mentes informadas e sensibilizadas e muitas mãos já começaram a partir para a ação, mas ainda assim, apresentamos uma relação quantitativa de 43 parceiros e em torno de 1.500 pessoas distribuídas entre crianças e adultos, que assistiram as palestras e participaram das oficinas.

Todas as oficinas tiveram seu devido valor e importância, porém, relacionamos algumas, por público e temas diferenciados, para terem uma ideia de como foi realizado e registrado o trabalho dos educadores:

Parceiro	Público	Tema abordado
Centro Paulus	Crianças de 10 a 12 anos alunos da Associação Pequeno Príncipe	Importância das abelhas na biodiversidade
UBS D.Luciano	Agentes Comunitários da Saúde	Agroecologia
Solo Sagrado Guarapiranga	Universitários	Alimentação saudável
Escola Herminio Sacchetta	Crianças, professores e comunidade	Oficina com distribuição de mudas, vídeos sobre o descarte de lixo e o uso racional de água
UBS Vargem Grande-Pava e Achave	Mães de pacientes	Implantação de horta comunitária.
Associação Clube Campestre	Condôminos e moradores do entorno da associação	Oficina com compostagem, plantio e vídeo sobre saneamento alternativo.
Aldeia Tenondê Porã	Crianças indígenas	Abelhas nativas



Centro Paulus



UBS D.Luciano



Solo sagrado.



Escola Hermínio Sacchetta.



USB Vargem Grande-Pavs e Achave.



Associação Clube Campestre.



Aldeia Tenondé Porá.

A oficina da Aldeia Tenondé Porá, acrescentou conhecimentos de ambas as partes. A atividade ocorreu na casa de rezas da aldeia. A princípio foi feita uma apresentação do grupo e uma introdução do que iria ocorrer.

Jerá, coordenadora da escola da aldeia, conversou com as crianças em guarani, e, em seguida, demos início à nossa oficina. Após as falas dos membros da equipe, o Sr. Pedro, membro da aldeia, falou em guarani sobre o tema “abelhas nativas”. Jerá traduzia para nós o que era falado por ele. Interessante foi descobrir que eles consideram a abelha Jataí um ser sagrado! Jerá dirigiu-se de maneira muito carinhosa às crianças, dizendo que elas podem ser as zeladoras dessas abelhas, e que as abelhas ficam onde encontram pessoas sensíveis e de bom coração.

Houve uma troca profunda de conhecimentos e a valorização da cultura indígena com seus saberes em relação à mata e a remédios naturais. Ao final, Jerá assumiu a fala, discursando muito bem que devemos



Oficina na aldeia.

MOTIRÔ DA JATAÍ

cuidar da natureza, dos animais, da terra, da água, mas também da **nossa mente e do nosso interior**.

Encerramos nosso encontro com um canto e uma dança indígena. Foi uma troca de saberes muito proveitosa para ambos os lados; a união de culturas e conhecimentos tendo como único objetivo preservar a vida!

Ultrapassando limites

O projeto Motirô da Jataí, a princípio, visava apenas atuar na região das APAs Capivari- Monos e Bororé- Colônia e seu entorno, porém com a demanda de instituições e ao fato da educadora Celina Fontan, necessitar começar a atuar também próximo ao Bairro de Interlagos, mais precisamente na Cidade Ademar, o projeto acabou por estender-se fora das áreas estabelecidas.

Dentre as oficinas realizadas fora das APAs destacamos a oficina realizada na UBS da Cidade Ademar para um grupo da terceira idade, onde a educadora já desenvolve um trabalho junto a comunidade. Foi implantado um pasto apícola com a participação dos presentes e após essa atividade prática, foi recolhido depoimentos dos participantes através de vídeos gravados pela educadora.

O Projeto Anchieta, localizado no bairro do Grajaú, procurou a direção do Instituto Pedro Matajs, solicitando uma oficina em sua sede. A educadora Celina, por já estar atuando próximo a esta região, ficou responsável pela organização e realização da oficina. O público-alvo foi um grupo de adolescentes que já possui contato e conhecimento das práticas agroecológicas. A temática da oficina foi baseada em esclarecimentos sobre as abelhas nativas, plantio de multimistura (uma mistura de diferentes sementes para enriquecer o solo) denominada adubação verde e a importância da agroecologia. Atuaram também nessa oficina as educadoras Mara Adriana Coradello e Massue M. Shirazawa.



Oficina na USB da Cidade Ademar.



Projeto Anchieta.

O Solo Sagrado Guarapiranga, no bairro do Jaceguava, também abriu suas portas para receber nosso projeto, Celina, realizou uma palestra para um grupo de universitários, cuja temática foi “Alimentação Saudável”, com espaço para perguntas e esclarecimentos sobre as abelhas nativas. A atuação da educadora no bairro de Cidade Ademar continua; e por ser uma área urbana, o projeto adaptou-se ao local, porém sem perder seu objetivo inicial. Mudou a estratégia, mas não o conteúdo.

RELAÇÃO DOS PARCEIROS	
A.B.C – Associação Beneficiente Cesarina	NASF - Assistencia Social - Chácara Santo Amaro
ACHAVE – Vargem Grande	Noviciato Santo Antonio
Aldeia Guarani Tenondé Porá	Nucleo Auri Verde
Associação Clube Campestre de São Paulo	O Semeador
Associação Ninho Esperança	ONG Conosco-SASF Serviço Assitencial Social à Familia
Biblioteca Comunitaria -Colonia	Parque Ecologico Guarapiranga
CCM Parelheiros	Projeto Anchieti - Grajaú
Cemitério da Colônia	Sesc Interlagos
Cemitério de Parelheiros	Solo Sagrado de Guarapiranga
Centro Comunitário Verana - Ibiúna	UBS Barragem
Centro da Criança e dos Adolescentes - Chácara Santo Amaro	UBS Chácara Santo Amaro
Centro Paulus	UBS Cidade Ademar
CEU Parelheiros	UBS Colônia
Cine Clube Ambiental	UBS D.Luciano
Convento M. Matara	UBS Embura
E.E. Joaquim Álvares Cruz -Barragem	UBS Jd. Silveira
Escola Barragem II	UBS Jd. Umuarama
Escola Céu Azul	UBS Nova America
Escola Estadual Herminio Sacchetta	UBS Recanto Campo Belo
Escola Estadual Regina Miranda B. Carvalho	UBS Vargem Grande
FUNDESP	Vivenda da Criança - Jd dos Alamos
Missão Belém	

Agricultores visitados

Os educadores realizaram no entorno de sua propriedade visitas aos seus vizinhos, apresentando o Projeto Motirô da Jataí, convidando-os a participar das oficinas realizadas nas propriedades, bem como retornando para orientar na implantação de composto, sobre húmus de minhoca, fornecendo mudas e colocando-se a disposição para esclarecimento de dúvidas posteriores.



Sr. Manuel e sua esposa Dona Josefa.

Não podemos deixar de citar uma oficina ocorrida na propriedade de um agricultor, que abriu sua casa para receber os educadores Sr. Lima e Sr. Edmundo, acompanhados do técnico Bruno Cavalcante e vizinhos convidados da sua comunidade. O Sr Manuel e sua esposa Dona Josefa, realizam o plantio de abacaxi no bairro do Mambú, localizado na região da APA Capivari-Monos, já utilizam algumas práticas agroecologí-

cas, mas não sabiam como preparar o composto orgânico. E em uma visita dos educadores, surgiu a proposta para realização da oficina, que ocorreu em 06/08/2012. Também a Sra Massue na propriedade do Sr.Daniel, no bairro da Chácara Santo Amaro,localizado na APA Bororé-Colônia: levando bokashi de sua produção; para testar nos canteiros de hortaliças.

Mapa da Comunidade

Cada educador, além dos relatórios mensais, realizou um mapa registrando suas visitas na comunidade durante todo o projeto, possibilitando a visualização de sua atuação como um todo.

Avaliação Geral das Oficinas realizadas na comunidade

O projeto chega ao fim com um número considerável de oficinas e palestras externas, vale lembrar que a proposta inicial do projeto contaria com 01 oficina por educador (nome que também se modificou ao longo do projeto, pois a princípio os agricultores e moradores eram nomeados de agentes multiplicadores). Podemos afirmar que as oficinas sim, se multiplicaram....

Avaliar as oficinas e palestras de uma maneira generalizada seria injusto, pois cada uma teve seu planejamento e seu objetivo específico, porém podemos avaliar se os objetivos gerais e específicos propostos foram atingidos, já que esses objetivos derivam do planejamento elaborado pelos educadores.



Mapa do Lima.

As oficinas atingiram pessoas de diferentes faixas etárias, diferentes classes sociais e valores. Despertaram nos participantes um olhar diferenciado para a região em que moram ou trabalham. Fizeram com que olhassem com mais amor e responsabilidade a região em que estão inseridos. Muitas questões foram abordadas e esclarecidas. Mitos foram depostos e as práticas agroecológicas foram trazidas de uma forma clara e fácil, apagando a ideia de que é mais caro ou mais difícil cultivar uma plantação orgânica, ter uma alimentação saudável e preservar o meio ambiente e a vida - isso envolve as nossas vidas também!

Vale falar da falta de informação em relação às abelhas nativas. Muitos não sabiam da existência das abelhas sem ferrão. No início, quando os educadores iam falar do projeto, sentiam um certo repúdio por parte de algumas pessoas, pois diziam "... não quero saber de abelhas, elas ferroam!" tamanha era a falta de conhecimento e informação. Passado isso, nossos educadores puderam abordar e esclarecer sobre essas abelhas e falar de sua importância para a biodiversidade. As pessoas lentamente tornavam-se mais acessíveis e iam se interessando pelo assunto, mudando o comportamento e despertando a vontade de saber mais sobre elas e preservá-las. Temas como compostagem, minhocário, pasto apícola, adubação verde, alimentação saudável, o esclarecimento sobre as diferenças sobre o cultivo convencional, hidropônico e orgânico estavam diariamente nas falas dos educadores e conversas informais com o vizinho viravam trocas de informações e conhecimentos. Mudas nativas e adequadas para a formação de um pasto apícola foram distribuídas a cada oficina, palestra ou visita informal. Orientações de como plantá-las e cultivá-las também foram passadas aos participantes.

Atingimos um número grande de pessoas, formando novos multiplicadores das propostas do Projeto Motirô da Jataí, principalmente crianças e adolescentes, pois oficinas foram realizadas em escolas, associações e instituições tendo como público-alvo esses grupos. Um grupo de 80 alunos da **Escola Estadual Joaquim Alvares Cruz**, do bairro da Barragem, acompanhado das professoras, visitou a propriedade modelo do educador Sr. Sponchiado, no Bairro da Barragem e participaram de uma oficina realizada especificamente para eles. Ao final levaram mudas de morango, as quais serão plantadas pelas professoras e alunos em um espaço disponível dentro da escola. Iniciou-se uma parceria com a Escola Estadual Regina Miranda B. Carvalho, no bairro de Marsilac, onde foi cedido um espaço na grade escolar, para que os educadores Sr. Lima e Sr. Edmundo, realizassem até o final do ano de 2012 palestras para alunos do Ensino Fundamental I. Parceria que está em estudo para continuar em 2013.



Alunos da Escola Estadual Joaquim Alves Cruz.

Se fossemos avaliar de forma quantitativa as oficinas e palestras realizadas, já nos encontramos no lucro, pois o número foi superior ao proposto inicialmente, mas sabemos que mais que quantidade, vale a qualidade, por isso, nos atentamos a esse fator. Ao final das oficinas fazíamos uma avaliação para destacarmos falhas e resultados e assim aprimorar o que fosse necessário e registrar os pontos e estratégias que repercutiram num resultado positivo.

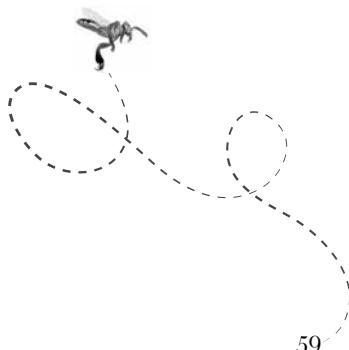
A cada oficina realizada os educadores faziam um rodízio entre eles em relação a abordagem dos temas, para que todos pudessem se aprofundar e poder se expressar com segurança, independente do tópico abordado.

Houve momento em que ficamos desanimados? Sim, ocorreu uma oficina que saímos frustrados, pois percebemos que nesse local e para esse público-alvo não conseguiríamos dar continuidade ao trabalho; não por falta de vontade da equipe, mas por falta de comprometimento do público. O motivo? Queriam que implantássemos as práticas agroecológicas e fizéssemos a manutenção. O nosso trabalho envolvia orientar a implantação e dar suporte na manutenção e tendo no grupo uma pessoa designada responsável pelo espaço implantado. O que fazer diante disso? Semear a semente e esperar que um pedaço de solo fértil onde ela possa se desenvolver. E foi o que aconteceu, não atingimos todos os membros desse grupo, mas atingimos uma e outra pessoa que, posteriormente, vieram até nós e solicitaram esclarecimentos e auxílio com as práticas. Por isso o trabalho de semear e se dispor. Como a abelha que recolhe o pólen de flor em flor, assim foram nossos educadores, indo de pessoa a pessoa, grupo a grupo pacientemente explicando e esclarecendo dia a dia aqueles que os procuravam. O trabalho continuará com certeza, cada um em sua região, passando informação, zelando e

auxiliando. E por ser um trabalho continuo, a avaliação também será continua, pois todo trabalho se aprimora ao longo da vida.

Mas podemos deixar registrado desde já, que os objetivos propostos pelos educadores em seu planejamento de ação foram atingidos, e alguns até mesmo superados.

O que fica disso? O fato de que a educação com comprometimento e amor; baseada na troca de conhecimentos, informações e experiências é o melhor caminho para o desenvolvimento sadio e sustentável e que todos nós podemos contribuir para esse desenvolvimento através de pequenas ações que somadas ao todo fazem a diferença no mundo e em nossas vidas, como afirmou Jean Vien Jean “Se cada um varresse a calçada da sua casa, no fim do dia a rua toda estaria limpa.” Praticar o conhecimento, transformar palavras em ações positivas. Caminhar mais uma milha. Executar! É isso que nos cabe em nosso dia a dia em campo.



CAPÍTULO 4

DE MULTIPLICADORES A EDUCADORES COMUNITÁRIOS AGROECOLÓGICOS



Os educadores comunitários agroecológicos são moradores da região das APAs Capivari-Monos e Boror-Colônia é, e no seu entorno. A princípio eram nove, mas, no decorrer do Projeto, ficaram oito participantes, distribuídos nos bairros da Barragem, Embura, Embura do Alto, Vargem Grande, Chácara Santo Amaro e Parelheiros.

Participantes que permaneceram por um determinado período e por motivos pessoais desistiram.

Nome	Participação	
Simone Nagakama	Até novembro/2011	
Antonio Abate Neto	Até fevereiro/2012	

Participante que substituiu a vaga de Simone Nagakama:

Nome	Paulo Eduardo da Silva
Bairro	Embura
APA	Entorno da APA Capivari-Monos
Qualificação profissional	Agricultor
Data de nascimento	24/09/1960
Inicio da participação	Novembro/2011
Atividade no projeto	Participação nas capacitações, apoio nas oficinas externas e responsável pelo manejo do pasto apícola didático e plantio de mudas



Participante Paulo Eduardo da Silva.

Demais participantes: Mara Adriana Coradello, Teodora Helfstein Fidencio, Edmundo dos Santos, Celina Maria Santos Fontan, Massue Mizoguti Shirazawa, Jailton Nascimento de Lima e José Benedito Sponchiado.

Os educadores assinaram uma carta de adesão e tomaram ciência das formas de participação descritas a seguir:

- ▶ Participar das palestras de sensibilização.
- ▶ Estabelecer com a coordenação e equipe técnica o cronograma de trabalho das etapas do Projeto.
- ▶ Participar dos cursos teóricos.
- ▶ Participar das oficinas práticas.
- ▶ Sanar dúvidas, no decorrer do desenvolvimento do Projeto, com a coordenação e técnicos, bem como durante o atendimento individual na propriedade, nas reuniões pré-agendadas ou em caráter emergencial.
- ▶ Participar da implantação, nas suas propriedades e nas dos demais participantes, das caixas de abelha.
- ▶ Preparar a área para a implantação do pasto apícola.
- ▶ Realizar na prática todo o processo produtivo das atividades propostas no Projeto.
- ▶ Receber na sua propriedade visitas técnicas da coordenação e dos técnicos, desde a implantação até o término do Projeto.
- ▶ Zelar pelas unidades produtivas instaladas nas propriedades.
- ▶ Estabelecer contato e organizar oficinas externas de sensibilização para disseminar o conhecimento obtido.
- ▶ Receber verba na forma de ajuda de custo.

Por que transformá-los em educadores comunitários agroecológicos?

A educação é a forma que o ser humano tem de se apropriar da produção de conhecimento gerado pela humanidade ou pela cultura, que, ao longo da história, vem contribuindo coletivamente para que o indivíduo seja parte atuante da sociedade, buscando soluções e novos conhecimentos. Logo, a educação ambiental, sendo um segmento da educação, é um processo educativo que visa formar cidadãos éticos nas suas relações com a sociedade e com a natureza. Assim, através do processo educativo, as famílias de pequenos agricultores têm como melhorar sua geração de renda por meio da capacitação profissional, permanecendo e melhorando a conservação de suas propriedades e evitando o êxodo rural.

Acreditamos que para o ser humano interagir de uma maneira saudável consigo, com o outro e com a natureza, se faz necessário que ele tenha ciência dos problemas que o meio ambiente enfrenta, das razões para tais problemas, como esses problemas afetam sua saúde, e que haja um programa de educação ambiental voltado a melhorar a qualidade de vida do indivíduo e do ambiente em que ele vive, ao mesmo tempo que ressalta a beleza e a harmonia da natureza, proporcionando ao indivíduo o bem de uma maneira holística.

Por intermédio da educação que o conhecimento adquirido foi compartilhado com os moradores da região, formando, assim, novos multiplicadores, e desvelando uma grande teia de conhecimentos cujo foco central foi, e ainda é, a preservação das abelhas nativas e a diversidade da Mata Atlântica.

Esse aprendizado compartilhado se deu através de palestras e oficinas ministradas por educadores comprometidos com o trabalho de conscientização a ser realizado não apenas nos arredores de suas propriedades, mas também em instituições locais, como associações de bairros, escolas, centros comunitários e religiosos, e aldeias indígenas, visto que o propósito de ampliação e manutenção da biodiversidade não pode ser alcançado em experiências isoladas em uma região.

Ser um multiplicador

O que envolve ser um multiplicador?

Envolve o próprio envolvimento.

Envolvimento de alma, de coração, de corpo e mente.

Envolvimento de alma por necessitar de doação.

De coração, por necessitar de amor.

De corpo, por necessitar de pernas e braços para executar.

De mente, por necessitar transmitir o conhecimento...

Conhecimento adquirido pela própria experiência de vida.

*Ser multiplicador de ideias, de conceitos, de ações e emoções,
para se tornar líder de transformação social,
e multiplicar o bem através de ações generosas e positivas...*

De multiplicador a educador comunitário agroecológico...

Líliané Matajs

De multiplicador a educador comunitário agroecológico.

Os caminhos que cada um percorreu ao longo dessa estrada chamada natureza foram diversos: muitos se cruzaram tempos atrás; outros se conheceram nesse caminho chamado Motirô da Jataí; alguns desistiram; outros persistiram.

O que trouxe cada um para esse caminho foram situações diversas, mas todos tinham em mente um objetivo pessoal, que, no decorrer da trajetória, se tornou um objetivo comum: preservar a biodiversidade para preservar a vida!

E de multiplicadores transformaram-se em educadores comunitários agroecológicos! Devido à bagagem que agregaram durante o Projeto Motirô da Jataí, hoje essas pessoas são nossos educadores e formam novos multiplicadores.

E para que conheçam um pouco mais sobre os educadores comunitários agroecológicos, segue um pouquinho da história deles contada por eles mesmos...



Nome: Celina Maria dos Santos Fontan
Bairro: Colônia
APA: Capivari-Monos
Qualificação profissional: Agricultora e Educadora
Grau de escolaridade: Ensino Médio Completo
Data de nascimento: 31/01/1965

ANTES DA PARTICIPAÇÃO NO PROJETO MOTIRÔ DA JATAÍ

Qual o manejo utilizado na propriedade?	"Manejo agroecológico."
Qual a principal atividade da propriedade?	"Horta e pomar."
O que produz?	"Frutas, verduras e legumes."
Havia produção de composto na propriedade?	"Não."
Havia minhocário na propriedade?	"Sim."
Qual era o envolvimento da família nas atividades da propriedade?	"A família sempre colaborou com atividades na horta e planta frutíferas."
Como era seu olhar em relação à sua propriedade?	"Meu olhar era mais individualizado; cada atividade separada uma da outra."
Como era seu envolvimento com seus vizinhos?	"Somente de boa vizinhança, cumprimentos."
Como era seu envolvimento com a comunidade?	"Eu não me envolvia com a comunidade."
Qual era seu olhar quanto à importância das abelhas nativas?	"Eu já via sua importância, apesar de pequena."
Qual era seu conhecimento das APAs?	"Eu já participava das reuniões das APAs na subprefeitura de Parelheiros."

Que trabalho executava na comunidade? "Nenhum." **Desde quando?**

Qual a data de início do seu contato com a agroecologia? "Em 2006."

Por que optou por participar do Projeto? "Como já havia participado de outro projeto e gostado, achei que poderia colaborar com a preservação do meio ambiente."

Qual era sua visão do Projeto? "Uma visão grande, com relação à divulgação e crescimento do interesse da comunidade. Principalmente entidades da região, que estão de portas abertas para receber projetos relacionados ao meio ambiente."

O QUE O PROJETO ACRESCENTOU À SUA VIDA

Pessoal? "Para meu desenvolvimento pessoal, através das palestras e dinâmicas, pude colocar meu potencial em prática em prol do meio ambiente. Estou mais descontraída e ativa."

Profissional? "Conhecimentos teóricos e práticos em meliponicultura e aprofundamento em agroecologia através dos cadernos agroecológicos."

Familiar? "Pude observar que, ao receber visitas na minha propriedade, a família começou a ver meu trabalho com outros olhos."

Comunitária? "A comunidade faz parte do nosso dia a dia; não podemos perder esse contato; temos que nos unir para conseguir resultados."

Qual o maior despertar, observado na vida pessoal, através da participação no Projeto? "Eu percebi que minha participação me fez perder a timidez, ter maior clareza nas minhas explicações, ser mais comunicativa e ter maior satisfação pessoal em trocar informações com outras pessoas."

Local de nascimento: São Paulo – SP

Tempo em que mora na região: 28 anos

Por que optou por morar na região? "Pela opção de trabalhar com horta."

Que trabalho executa na propriedade? "Horta orgânica ou agroecologia."

Desde quando? "Desde que vim morar na região (1984)."

DEPOIS DA PARTICIPAÇÃO NO PROJETO MOTIRÔ DA JATAÍ

"Manejo agroecológico."
"Horta e frutíferas."
"Horta, verduras, legumes e pasto para abelhas."
"Sim, para consumo."
"Sim, para consumo."
"A família continua participando. Acho que agora, por envolver flores, tem chamado mais atenção."
"Meu olhar mudou em relação à subsistência, onde as atividades estão relacionadas umas com as outras e o papel das abelhas em benefício da produção."
"Agora passei a conversar sobre outros assuntos, ligados à produção e ao meio ambiente."
"Pude conhecer melhor as entidades do meu bairro."
"Elas são de suma importância na produção, no meio ambiente, na preservação das espécies vegetativas e do ser humano na produção de sua alimentação."
"Sei que técnicos da prefeitura e a população da região criaram juntos uma área de proteção ambiental e que a agenda 21 tem colaborado com trabalhos em prol da natureza, das águas e do meio ambiente como um todo. Assim como outras secretarias envolvidas; por exemplo: SVMA."

Como é seu comportamento em relação à proteção e valorização da biodiversidade local? "Eu procuro proteger, não cortando aleatoriamente tudo que vejo pela frente, mas procurando buscar um equilíbrio."

Que trabalho executa na comunidade? "Na comunidade, procuro incentivar plantio em geral para sua alimentação e a das abelhas."

Quais os desafios encontrados? "O maior desafio foi no início, em que tudo era novidade: tomar decisões, fazer novos contatos e atender às expectativas da proposta do Projeto."

Quais as dificuldades superadas? "Acredito que consegui superar todas até agora, já que estou iniciando uma nova etapa do Projeto."

Quais as conquistas? "Conquistei novas amizades, novos conhecimentos."

O que fica dessa experiência, até a data de hoje, da sua participação no Projeto Motirô da Jataí? "Dessa experiência fica um grande aprendizado de âmbito pessoal, profissional e social."



Nome: Edmundo dos Santos

Bairro: Embura do Alto

APA: Capivari-Monos

Qualificação profissional: Agricultor, Torneiro mecânico, Eletricista

Grau de escolaridade: Ensino Médio

Data de nascimento: 12/03/1951

ANTES DA PARTICIPAÇÃO NO PROJETO MOTIRÔ DA JATAÍ

Qual o manejo utilizado na propriedade?	"Em todas as épocas, sempre foi com método natural (orgânico)."
Qual a principal atividade da propriedade?	"Agricultura e alguns animais."
O que produz?	"Hortaliças, frutas e aves."
Havia produção de composto na propriedade?	"Sim."
Havia minhocário na propriedade?	"Não."
Qual era o envolvimento da família nas atividades da propriedade?	"Trabalho normal de agricultor (eu e esposa)."
Como era seu olhar em relação à sua propriedade?	"Com bom potencial de produção, porém encontrei a área bem degradada."
Como era seu envolvimento com seus vizinhos?	"Bom, com respeito e cordialidade."
Como era seu envolvimento com a comunidade?	"Bom. A relação de boa vizinhança sempre trouxe bons resultados."
Qual era seu olhar quanto à importância das abelhas nativas?	"Sempre tive consciência da importância das abelhas, mas tinha pouco conhecimento técnico."
Qual era seu conhecimento das APAs?	"Sabia apenas o significado da sigla."

Que trabalho executava na comunidade? "Sempre praticuei agricultura. Após o surgimento do Projeto Motirô, tornei-me educador ambiental." **Desde quando?** "2011."

Qual a data de início do seu contato com a agroecologia? "Durante todo o exercício da agricultura."

Por que optou por participar do Projeto? "Dada a importância do objetivo do Projeto e a necessidade de sensibilização das pessoas em prol do meio ambiente."

Qual era sua visão do Projeto? "Sempre foi das melhores, uma vez que participamos da sua elaboração em conjunto com o Grupo Cultivar, do qual era integrante."

O QUE O PROJETO ACRESCENTOU À SUA VIDA

Pessoal? "Melhor conhecimento sobre o papel das abelhas nativas e seu comportamento como são, como vivem e como desempenham suas atividades."

Profissional? "Técnicas de conscientização e de sensibilização."

Familiar? "Apego maior à natureza e à biodiversidade presente nela."

Comunitária? "Aproximação com as pessoas do entorno e resultados satisfatórios no que se refere à aceitação das pessoas."

Qual o maior despertar, observado na vida pessoal, através da participação no Projeto? "Não apenas um despertar, mas o aprimoramento dos métodos de sensibilização."

Quais os desafios encontrados? "A necessidade de preservar e de conciliar o uso da natureza com um menor impacto ambiental."

Local de nascimento: Presidente Prudente – SP

Tempo em que mora na região: 10 anos

Por que optou por morar na região? "Pelo contato direto com a natureza."

Que trabalho executa na propriedade? "Plantio de hortaliças e frutíferas."

Desde quando? "2002."

DEPOIS DA PARTICIPAÇÃO NO PROJETO MOTIRÔ DA JATAÍ

"O de sempre: agricultura orgânica."
"Agricultura."
"Hortaliças, frutas etc."
"Sim."
"Não."
"Apenas a esposa vive na propriedade."
"Otimista."
"Bom."
"Bom."
"Elas são importantes para a polinização das flores, o que estimula a frutificação, que serve como alimento a outras espécies e garante a continuidade da biodiversidade."
"Área a ser mais bem cuidada pelos seus habitantes através do trabalho de sensibilização destes."

Como é seu comportamento em relação à proteção e valorização da biodiversidade local? "Sou preservacionista nato e me esforço para que todos façam sua parte através da sensibilização."

Que trabalho executa na comunidade? "O de educador ambiental."

Quais as dificuldades superadas? "A aceitação e compreensão dos objetivos do Projeto, embora tenha que haver a continuidade do trabalho."

Quais as conquistas? "A maior conquista é ver que o trabalho traz resultados no que se refere à conscientização e sensibilização; porém, só a continuidade irá ampliar cada vez mais os resultados."

O que fica dessa experiência, até a data de hoje, da sua participação no Projeto Motirô da Jataí? "A certeza de que o Projeto surpreendeu a todos com sua aceitação pelo povo, e que todos os projetos não devem apenas conscientizar, mas trazer às pessoas métodos capazes de substituir as técnicas que estavam sendo utilizadas, ou seja, trazer conteúdo e oferecer opções para que haja efetivamente a mudança."



Nome: Jailton Nascimento de Lima
Bairro: Embura do Alto
APA: Capivari-Monos
Qualificação profissional: Mestre de Edificações
Grau de escolaridade: Ensino Médio
Data de nascimento: 08/08/1965

ANTES DA PARTICIPAÇÃO NO PROJETO MOTIRÔ DA JATAÍ

Qual o manejo utilizado na propriedade?	"Usava o adubo das galinhas direto na horta."
Qual a principal atividade da propriedade?	"Criação de aves caipiras."
O que produz?	"Aves caipiras e hortaliças."
Havia produção de composto na propriedade?	"Não havia."
Havia minhocário na propriedade?	"Não havia."
Qual era o envolvimento da família nas atividades da propriedade?	"Muito pouco. Agora é zero, por não morar mais no sítio."
Como era seu olhar em relação à sua propriedade?	"Produção de culturas para gerar renda e manter os custos das despesas da propriedade."
Como era seu envolvimento com seus vizinhos?	"Procurando sempre manter a amizade com respeito mútuo."
Como era seu envolvimento com a comunidade?	"Buscando sempre soluções para resolver problemas, como iluminação, estrada, educação, saúde e preservação."
Qual era seu olhar quanto à importância das abelhas nativas?	"Para mim, sempre teve grande importância, por conhecer o trabalho que elas realizam."
Qual era seu conhecimento das APAs?	"São unidades de conservação (UC) que têm o objetivo de promover o desenvolvimento, com a proteção dos recursos naturais e a melhoria da qualidade de vida da população."

Que trabalho executava na comunidade? "Executava um trabalho de liderança em Parelheiros." **Desde quando?** "Desde 2006."

Qual a data de início do seu contato com a agroecologia? "Desde a adolescência."

Por que optou por participar do Projeto? "Por saber da importância para mim e para as comunidades nas APAs e no entorno destas."

Qual era sua visão do Projeto? "Minha visão era de um projeto comum. Não esperava que fosse tão aceito pelos moradores. Vai se tornar um projeto de grande importância para nossa região."

O QUE O PROJETO ACRESCENTOU À SUA VIDA

Pessoal? "Tudo de bom: passei a conhecer mais pessoas, aumentando as relações de trabalho e amizade."

Profissional? "Está sendo muito importante: aumentou meus conhecimentos com relação à proteção das abelhas, da agroecologia e também dos seres humanos."

Familiar? "Neste momento não muito, mas o futuro a Deus pertence."

Comunitária? "Muito, porque o conteúdo é muito vasto, levando muito tempo ainda para a conclusão de todos os materiais."

Qual o maior despertar, observado na vida pessoal, através da participação no Projeto? "É saber que só depende de mim viver com mais qualidade."

Local de nascimento: Vera Cruz – RN
Tempo em que mora na região: 9 anos
Por que optou por morar na região? “Para montar uma granja.”
Que trabalho executa na propriedade? “De recuperação da mata nativa.”
Desde quando? “Desde abril de 2003.”

DEPOIS DA PARTICIPAÇÃO NO PROJETO MOTIRÓ DA JATAÍ

“Agroecologia, fazendo adubação verde, compostagem e húmus.”
“Criação de aves caipira.”
“Aves caipiras e hortaliças orgânicas.”
“Com certeza.”
“Sim.”
“Nenhum.”
“Estou planejando algumas ações visando ao desenvolvimento sustentável.”
“Dentro da respeitabilidade, muito bem.”
“Bem, trabalhando sempre em prol do bem-estar de todos.”
“Elas são importantes pela polinização que fazem e pelo equilíbrio ecológico, beneficiando a sustentabilidade na produção de culturas.”
“São unidades de conservação (UC) que têm o objetivo de promover desenvolvimento com a proteção dos recursos naturais e a melhoria da qualidade de vida da população.”

Como é seu comportamento em relação à proteção e valorização da biodiversidade local? “Meu comportamento é o de um ambientalista em defesa da preservação da biodiversidade.”

Que trabalho executa na comunidade? “Represento a população fazendo uma ponte entre o cidadão ou cidadã e o poder público.”

Quais os desafios encontrados? “Fazer as pessoas entenderem, por não conhecerem as espécies, quanto é importante proteger e preservar as abelhas nativas.”

Quais as dificuldades superadas? “Ser compreendido por uma comunidade descrente de tudo que chega até ela. Derrubar essa descrença foi uma dificuldade superada.”

Quais as conquistas? “Nosso trabalho tem despertado o interesse de aprender, para poder desenvolver a agroecologia nas propriedades.”

O que fica dessa experiência, até a data de hoje, da sua participação no Projeto Motiró da Jataí? “Fica a saudade de um trabalho maravilhoso, realizado por pessoas preocupadas com o futuro da Terra. Quero parabenizar todos que participaram desse projeto até o final, e também os que ficaram pelo meio do caminho. Fica aqui minha amizade e meu carinho!”



Nome: José Benedito Sponchiado

Bairro: Barragem

APA: Capivari-Monos

Qualificação profissional: Empresário/Turismo

Grau de escolaridade: Ensino Médio

Data de nascimento: 05/06/1950

ANTES DA PARTICIPAÇÃO NO PROJETO MOTIRÔ DA JATAÍ

Qual o manejo utilizado na propriedade?	"Sempre com atividades ecológicas, porém sem os conhecimentos corretos."
Qual a principal atividade da propriedade?	"Turismo."
O que produz?	"Hortaliças para consumo próprio."
Havia produção de composto na propriedade?	"Sim, mas precário."
Havia minhocário na propriedade?	"Não."
Qual era o envolvimento da família nas atividades da propriedade?	"Pouco, na jardinagem e recepção das pessoas."
Como era seu olhar em relação à sua propriedade?	"Um lugar lindo e gostoso para viver."
Como era seu envolvimento com seus vizinhos?	"A maioria sempre foi frequentadora de nosso espaço com admiração."
Como era seu envolvimento com a comunidade?	"Restrita, recebendo as pessoas, mas sem conhecimento da atividade exercida por elas."
Qual era seu olhar quanto à importância das abelhas nativas?	"Sempre gostei de saber sobre elas, mas não tinha a menor ideia do que representam para a natureza."
Qual era seu conhecimento das APAs?	"Somente que deveria ser uma área preservada."

Que trabalho executava na comunidade? "Sempre tentei fazer alguma coisa positiva.

O trabalho mais importante foi em relação à alfabetização de jovens e adultos." **Desde quando?** "Sempre. Desde quando cheguei na região."

Qual a data de início do seu contato com a agroecologia? "Desde pequeno, com meu pai.

Por que optou por participar do Projeto? "Inicialmente, para adquirir mais conhecimentos sobre os assuntos abordados."

Qual era sua visão do Projeto? "No início, nem entendi direito qual era o objetivo da proposta."

O QUE O PROJETO ACRESCENTOU À SUA VIDA

Pessoal? "O olhar sobre as coisas da natureza: antes eu achava que tudo tinha que estar sempre muito limpo, sem mato."

Profissional? "O entrosamento com as pessoas e a comunidade, e o conhecimento sobre os assuntos abordados."

Familiar? "Novos assuntos, além do cotidiano, sobre coisas novas com integrantes do Projeto."

Comunitária? "Conhecimento de pessoas e sobre o funcionamento de coisas que não imaginava como eram dentro de escolas, aldeias indígenas e outros órgãos."

Qual o maior despertar, observado na vida pessoal, através da participação no Projeto? "A importância de coisas simples e naturais, que antes passavam despercebidas."

Local de nascimento: Jundiaí – SP

Tempo em que mora na região: 15 anos

Por que optou por morar na região? "Sempre gostei da natureza."

Que trabalho executa na propriedade? "Recebemos pessoas para lazer."

Desde quando? "Desde 1997."

DEPOIS DA PARTICIPAÇÃO NO PROJETO MOTIRÔ DA JATAÍ

"Com atividades agroecológicas e com mais conhecimentos a respeito."
"Continua sendo o turismo, mas hoje mostrando para as pessoas atividades do Projeto."
"Hortaliças para consumo próprio."
"Sim."
"Sim."
"Ajuda no plantio de mudas, na manutenção da área e na recepção das pessoas."
"Preciso melhorar muitas coisas."
"A maioria participa do desenvolvimento do Projeto e pratica atividades que foram adquiridas através dos nossos contatos."
"Intenso: com famílias, escolas, UBSs e troca de ideias sobre diversos temas."
"Completamente diferente do início do Projeto. Agora entendo que, se forem extintas, todo o planeta será prejudicado."
"Além da preservação das águas e da natureza, o maior problema é a conscientização que falta às pessoas."

Como é seu comportamento em relação à proteção e valorização da biodiversidade local? "Sempre valorizei a biodiversidade. Hoje, com a conscientização que adquiri, passo para os outros a importância desse valor."

Que trabalho executa na comunidade? "Faço visitas conscientizando crianças e adultos sobre a importância da preservação e os cuidados que devemos ter com a natureza."

Quais os desafios encontrados? "Manter disciplina, horários e compromissos agendados, e passar a ideia adquirida para os outros."

Quais as dificuldades superadas? "Conversar assuntos pertinentes ao Projeto com pessoas que nunca prestaram atenção nisso."

Quais as conquistas? "Pessoas mais informadas, conhecimento de gente com qualidades especiais e aprofundamento em atividades que antes eram muito superficiais."

O que fica dessa experiência, até a data de hoje, da sua participação no Projeto Motirô da Jataí? "Até hoje foram conquistadas algumas metas, porém, o tempo dedicado a um assunto tão abrangente é muito pequeno para o objetivo a que o projeto se destina. Acho que temos muito a aprender e muito a ensinar."



Nome: Mara Adriana Coradello

Bairro: Barragem

APA: Capivari-Monos

Qualificação profissional: Agricultora e Médica Veterinária

Grau de escolaridade: Superior completo

Data de nascimento: 01/02/1968

ANTES DA PARTICIPAÇÃO NO PROJETO MOTIRÔ DA JATAÍ

Qual o manejo utilizado na propriedade?	“O manejo era convencional.”
Qual a principal atividade da propriedade?	“Produção de plantas ornamentais.”
O que produz?	“Gramas pretas anãs, buixinho e moreia.”
Havia produção de composto na propriedade?	“Não.”
Havia minhocário na propriedade?	“Não.”
Qual era o envolvimento da família nas atividades da propriedade?	“Praticamente nenhuma, pois era raramente visitada.”
Como era seu olhar em relação à sua propriedade?	“Um sítio para lazer, porém rústico, com pouco conforto.”
Como era seu envolvimento com seus vizinhos?	“Quase nenhum, pois só os via de passagem.”
Como era seu envolvimento com a comunidade?	“Nulo.”
Qual era seu olhar quanto à importância das abelhas nativas?	“Olhar consciente, pois sempre procurei aliar vida e natureza.”
Qual era seu conhecimento das APAs?	“Já havia morado em outra região da APA, mas, como aqui, nem sempre bem preservada.”

Que trabalho executava na comunidade? “Nenhum.” **Desde quando?**

Qual a data de início do seu contato com a agroecologia? “Em 2010, aprofundei meus conhecimentos.”

Por que optou por participar do Projeto? “Porque gosto de aliar ambiente e pequenos produtores.”

Qual era sua visão do Projeto? “Eu imaginava que ia aprender sobre abelhas nativas e não tinha ideia da abrangência do Projeto.”

O QUE O PROJETO ACRESCENTOU À SUA VIDA

Pessoal? “Maior proximidade com pessoas simples e também com meu pai e minha filha.”

Profissional? “Uma nova fonte de conhecimentos, da qual pode advir novos projetos.”

Familiar? “Reestruturação.”

Comunitária? “Assimilação de conhecimentos, troca e proximidade com os vizinhos.”

Qual o maior despertar, observado na vida pessoal, através da participação no Projeto? “A de que a mudança precisa começar em nós mesmos.”

Quais os desafios encontrados? “Muitos, entre eles, o maior: mudar a cabeça do meu pai, que nunca teve contato com agroecologia. Outro foi adequar meus horários e enfrentar o trânsito.”

Local de nascimento: São José do Rio Preto

Tempo em que mora na região: 2 meses

Por que optou por morar na região? "Porque tenho um sítio há mais de 10 anos na região."

Que trabalho executa na propriedade? "No momento, plantas ornamentais e manejo agroecológico para iniciar a plantação de hortaliças e frutíferas."

Desde quando? "Desde julho de 2011."

DEPOIS DA PARTICIPAÇÃO NO PROJETO MOTIRÔ DA JATAÍ

"Atualmente, separamos o lixo, fazemos composto, e temos minhocário e horta."
"Estamos em transição agroecológica."
"Estamos iniciando o plantio de hortaliças e preparando a terra para plantar amoreiras."
"Sim."
"Sim."
"No momento, eu trabalho com meu pai e meu tio, mas quando a família vem para lazer, procuro envolver todos."
"Estou projetando meu futuro, acreditando que dará certo."
"Muito melhor. Agora consigo visitá-los, conversar, permutar serviços."
"Ainda um pouco tímido, devido eu estar morando há pouco tempo na região."
"Agora consigo ver quanto elas realmente auxiliam a biodiversidade nas florestas e a importância de preservar o ambiente livre de agrotóxicos e venenos."
"Meu conhecimento foi ampliado, assim posso intervir no sentido de preservar."

Como é seu comportamento em relação à proteção e valorização da biodiversidade local? "Procuro ao menos fazer minha parte e estimular os outros a fazer a deles."

Que trabalho executa na comunidade? "Tenho contratado algumas pessoas para ajudar, assim vou mostrando a elas uma nova perspectiva."

Quais as dificuldades superadas? "A timidez de abordar pessoas com as quais eu não tinha o menor contato e falar sobre um assunto que é tabu na região."

Quais as conquistas? "Ao menos convenci meu pai a me ajudar no Projeto e iniciar outro de orgânicos, largando assim o modelo convencional. Outra grande conquista é uma melhor qualidade de vida."

O que fica dessa experiência, até a data de hoje, da sua participação no Projeto Motirô da Jataí? "Fica a certeza de que a mudança que queremos na nossa vida, comunidade, país, planeta etc. começa dentro de nós."



Nome: Massue Mizoguti Shirazawa
Bairro: Chácara Santo Amaro
APA: Bororé-Colônia
Qualificação profissional: Agricultora
Grau de escolaridade: 1º grau (até 4º ano)
Data de nascimento: 01/08/1943

ANTES DA PARTICIPAÇÃO NO PROJETO MOTIRÔ DA JATAÍ

Qual o manejo utilizado na propriedade?	"Convencional."
Qual a principal atividade da propriedade?	"Hortaliças."
O que produz?	"Alface, couve, coentro, e outros da época."
Havia produção de composto na propriedade?	"Sim."
Havia minhocário na propriedade?	"Não tinha, mas faz uns três anos que tem."
Qual era o envolvimento da família nas atividades da propriedade?	"Sempre fomos unidos."
Como era seu olhar em relação à sua propriedade?	"Precisamos melhorar, ter mais renda, que é muito difícil."
Como era seu envolvimento com seus vizinhos?	"Antigamente a vida era mais fácil, tinha tempo para fazer uma rodinha, conversar; hoje em dia ficou impossível."
Como era seu envolvimento com a comunidade?	"Tinha mais tempo para participar."
Qual era seu olhar quanto à importância das abelhas nativas?	"Não sabia que as nativas eram todas sem ferrão. Achei muito interessante observar as abelhas e proteger mais."
Qual era seu conhecimento das APAs?	"Era pouco."

Que trabalho executava na comunidade? "Mutirão – serviço de campo. Na associação Rural de Casa Grande, ajudo nas atividades abertas." **Desde quando?** "13 de março de 2007."

Qual a data de início do seu contato com a agroecologia? 2006.

Por que optou por participar do Projeto? "Porque era um projeto inédito, feito pelo Grupo Cultivar, do qual eu fazia parte."

Qual era sua visão do Projeto? "Eu pensava que fosse mais simples, menos exigente."

O QUE O PROJETO ACRESCENTOU À SUA VIDA

Pessoal? "Uma visão mais ampla, conhecimento de novos lugares, ter mais responsabilidade."

Profissional? "Mais serviço."

Familiar? "Mais conhecimento."

Comunitária? "Procuro passar meu aprendizado aos interessados."

Qual o maior despertar, observado na vida pessoal, através da participação no Projeto? "Observar flores e ver se tem alguma Jataí nelas."

Local de nascimento: Quintana – SP

Tempo em que mora na região: 41 anos

Por que optou por morar na região? "Porque não tinha outra opção."

Que trabalho executa na propriedade? "Doméstica, fazer muda, colher, vender."

Desde quando? "Desde 1971."

DEPOIS DA PARTICIPAÇÃO NO PROJETO MOTIRÔ DA JATAÍ

"Menos química e agrotóxicos. A gente observa mais de que flor elas (as abelhas) gostam e vão."

"Hortaliças: um pouco de cada espécie."

"Fazemos bokashi para nosso consumo."

"Sim."

"Sim."

"Tudo."

"Gostaria de melhorar muito mais a conservação do solo, produzir mais."

"É normal. Talvez achem que estou perdendo tempo, participando de vários projetos."

"Estou conhecendo mais a comunidade."

"Que deve ser preservada e protegida, pois é muito importante para nós, que produzimos legumes e frutas."

"Era pouco, mas agora preservar é importante."

Como é seu comportamento em relação à proteção e valorização da biodiversidade local? "É bom; Espero que continue a valorizar."

Que trabalho executa na comunidade? "Visita de conscientização e sensibilização."

Quais os desafios encontrados? "A apresentação do Projeto."

Quais as dificuldades superadas? "Encarar a realidade."

Quais as conquistas? "Aprendizado."

O que fica dessa experiência, até a data de hoje, da sua participação no Projeto Motirô da Jataí? "Muitas coisas, sonhos para realizar!"



Nome: Teodora Helfstein Fidêncio

Bairro: Parelheiros

APA: No entorno da APA Capivari-Monos

Qualificação profissional: Pedagoga, mas não atua na área e Feirante

Grau de escolaridade: Superior

Data de nascimento: 23/08/1960

ANTES DA PARTICIPAÇÃO NO PROJETO MOTIRÔ DA JATAÍ

Qual o manejo utilizado na propriedade?	"Convencional."
Qual a principal atividade da propriedade?	"Produção de mudas para plantar na propriedade."
O que produz?	"Alface, abobrinha, repolho, couve-flor, cenoura, coentro."
Havia produção de composto na propriedade?	"Não."
Havia minhocário na propriedade?	"Sim, desde 2005."
Qual era o envolvimento da família nas atividades da propriedade?	"Produção de mudas de verduras e legumes, plantio e comércio em feira da região."
Como era seu olhar em relação à sua propriedade?	"Mais o lado de produção para comercializá-los."
Como era seu envolvimento com seus vizinhos?	"Mais no comércio de mudas de verduras e legumes, quando havia excedente."
Como era seu envolvimento com a comunidade?	"Não participava de nenhuma atividade."
Qual era seu olhar quanto à importância das abelhas nativas?	"Apenas na produção de mel."
Qual era seu conhecimento das APAs?	"Apenas escutava alguma notícia, mas não passava do momento."

Que trabalho executava na comunidade? "Nenhum." **Desde quando?**

Qual a data de início do seu contato com a agroecologia? "Julho de 2011."

Por que optou por participar do Projeto? "Para ter mais conhecimento e me atualizar; porque tive problema de doença na família, por esse motivo me levou a participar."

Qual era sua visão do Projeto? "Apenas trabalhar com abelhas e na produção de mel."

O QUE O PROJETO ACRESCENTOU À SUA VIDA

Pessoal? "Novos conhecimentos."

Profissional? "Novos conhecimentos e que a equipe é um grupo simples e bem unido."

Familiar? "Consegui orientar a família a valorizar a propriedade."

Comunitária? "Mais envolvida e com muitos novos conhecimentos trocados e adquiridos."

Qual o maior despertar, observado na vida pessoal, através da participação no Projeto? "Novos conhecimentos e o valor da nossa região em continuar a preservação."

Quais os desafios encontrados? "Quando temos contatos com famílias que sobrevivem com muito pouco."

Local de nascimento: Embuá – SP

Tempo em que mora na região: 51 anos

Por que optou por morar na região? "Nasci na região."

Que trabalho executa na propriedade? "Plantio para comércio em feira da região."

Desde quando? "1992."

DEPOIS DA PARTICIPAÇÃO NO PROJETO MOTIRÔ DA JATAÍ

"Convencional, em fase de transição."
"Produção de mudas, plantio e comércio em feira."
"Alface, couve-flor, brócolis, verduras e legumes."
"Sim."
"Sim."
"Ajuda no cultivo e comércio do que produzimos."
"Passei a valorizar e a observar que a propriedade tem vários potenciais a ser explorados."
"Estou tendo mais contato e procuro explicar o que inclui o Projeto. Por exemplo: compostagem."
"Pouco, procurei trabalhar mais com os vizinhos."
"Mudou bastante após ter conhecimento da importância da abelha na nossa região. Passei a observá-la, valorizá-la, e procurar preservar, orientar e adequar o ambiente (natureza) para as abelhas continuarem seu ciclo de vida."
"Passei a ter mais conhecimento das APAs da nossa região e não sabia que existem tantos projetos ou cursos dentro das APAs, que procuram preservar e orientar os moradores dentro das APAs."

Como é seu comportamento em relação à proteção e valorização da biodiversidade local? "Procuro preservar, cuidar e tentar passar para os demais a importância da preservação."

Que trabalho executa na comunidade? "Pouco, mais com os vizinhos."

Quais as dificuldades superadas? "Estou procurando passar os conhecimentos que estou tendo para as famílias."

Quais as conquistas? "Passar o que é nosso Projeto dentro dos conhecimentos das famílias e grupo."

O que fica dessa experiência, até a data de hoje, da sua participação no Projeto Motirô da Jataí? "Valorizar o outro, que sempre temos muito a aprender na escola da vida, e que não devemos ser individualistas."

Nessas falas dos educadores, podemos concluir que a educação envolve percorrer um caminho do interior para o exterior. Faz-se necessário, na maioria das vezes, transformar nossa visão interna de mundo e de nós mesmos, diante do mundo, para que possamos realmente atuar diante da vida – e vida aqui envolve a nossa, a do outro e do planeta – com respeito e gratidão. Passar o que acreditamos para os outros, na maioria das vezes, soa como mais uma dissertação se não conseguirmos tocar o outro da mesma maneira com que fomos tocados: com os olhos do coração – como escreveu tão bem Saint-Exupery. Só a partir daí é que podemos dizer que somos educados verdadeiramente – e não educados porque seremos punidos ou observados, mas pelo simples prazer de “Ser”!

Conclusão

O Projeto Motirô da Jataí chegou ao fim. Dessa trajetória de 18 meses consecutivos ficam muitas lembranças, muitas conquistas e muitos desafios enfrentados.

Ao finalizarmos nosso Projeto, realizamos uma sondagem escrita de todo o conteúdo abordado com nossos educadores. Essa sondagem não teve como objetivo avaliá-los, pois não se avalia o desempenho de um educador apenas com um determinado número de perguntas e respostas. A avaliação foi contínua, desde o primeiro dia de projeto até o último momento em que atuamos juntos. O desempenho e atitude de cada educador se manifestaram, durante todo o projeto, conforme sua personalidade e valores pessoais. A individualidade de cada um foi respeitada e antes de abordarmos o conteúdo teórico junto ao grupo, criamos nossa própria lista de valores, a que chamamos de “Valores do Motirô da Jataí” e a convivência, tanto em equipe, como durante a atuação na comunidade se baseou nessa lista de valores, fazendo com que nosso trabalho tivesse os mesmos preceitos.

Focamos em educar para multiplicar! Multiplicar para compartilhar! Compartilhar para disseminar! Disseminar para preservar!

Formar educadores é uma tarefa que envolve muita responsabilidade e amor. E antes de formar educadores, formaram-se seres humanos ainda mais conscientes, envolvidos e atuantes. Cada educador participou durante toda a trajetória do Projeto Motirô da Jataí com suas opiniões, experiências, dúvidas, desafios, conquistas, frustrações, questionamentos e soluções.

Anteriormente a iniciação da atuação dos educadores em campo, ocorreu a preocupação de despertar o “ser observador interno” de cada um e transformar esse ser observador em um ator social. E como ator social, atuar nesse palco itinerante chamado vida, que além de preservá-la, nos cabe vivenciá-la em todo o seu potencial e respeitá-la em toda sua magnitude, beleza e leveza!

Este foi o objetivo do Projeto Motirô da Jataí: despertar a educação do indivíduo do interior para o exterior. Sensibilizar para educar - e daí, sensibilizar o outro e o outro por si só se educar.

E assim nessa grande rede, transformar ideias, atitudes e acontecimentos.

Podemos, a partir, da realização do Projeto Motirô da Jataí acreditar na mudança do ser humano para melhor e perceber que ele guarda dentro de si sementes adormecidas de conhecimento e ações sustentáveis. Despertar essas sementes foi nossa proposta.

Plantar as sementes em solo fértil ou simplesmente preparar o solo para plantios futuros – esse foi o trabalho de nossos educadores comunitários agroecológicos.

Cabe agora a cada um de nós, comprometidos com o desenvolvimento e manutenção da vida, fazermos a nossa parte; parte esta que envolve irrigar as sementes para que possam crescer e se multiplicar; e disseminá-las, tendo como base o amor incondicional e a educação consciente e ativa!

Para o futuro dos futuros multiplicadores... Victor, Paulinho, Hélio, Lívia e tantas outras que participaram das oficinas.



Participantes das oficinas: Victor, Paulinho, Hélio e Lívia.



Projeto Motirô da Jataí



INSTITUTO PEDRO MATAJS

A integração do ser humano com a natureza



**PREFEITURA DE
SÃO PAULO**
VERDE E MEIO AMBIENTE